



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA

MARIA LUZIA EUNICE MARTINS DE OLIVEIRA

**DA ESCAVAÇÃO AO ACERVO: A GESTÃO DE DADOS PRIMÁRIOS
DO PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ - PAX**

MARIA LUZIA EUNICE MARTINS DE OLIVEIRA

**DA ESCAVAÇÃO AO ACERVO: A GESTÃO DE DADOS PRIMÁRIOS
DO PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ - PAX**

Trabalho de conclusão de curso
submetido ao Departamento de
Arqueologia (DARQ) da Universidade
Federal de Sergipe, para a obtenção do
grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Sanches
Ranzani da Silva

Ficha Catalográfica

--

MARIA LUZIA EUNICE MARTINS DE OLIVEIRA

**DA ESCAVAÇÃO AO ACERVO: A GESTÃO DE DADOS PRIMÁRIOS
DO PROJETO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ - PAX**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado para obtenção do Título de Bacharela em Arqueologia e em sua forma final pelo Departamento de Arqueologia.
Laranjeiras, 17 de junho de 2025.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Bruno Sanches Ranzani da Silva
Orientador - Presidente
Universidade Federal de Sergipe

Tecn.^a Ms.^a Dra.^a Thais Vaz Sampaio de
Almeida 1^a Examinadora – Membro externa
Universidade Federal de Sergipe

Prof., Dr. Jenilton Ferreira Santos
2^o Examinador – Membro interno
Universidade Federal de Sergipe

“Se eu gosto da Arqueologia é porque nada do que é humano me é indiferente e porque o maior tema de estudo (e de infinita admiração, aliás) é para mim o homem.” (Louis Frédéric, 1980, p.21)

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo repassar a importância da produção de documentações durante as etapas de campo e em sua posterior acessibilidade para pesquisas futuras. Para uma melhor exemplificação foi analisada a Documentação Arqueológica proveniente do Projeto de Arqueologia de Xingó, que está sob posse do Museu de Arqueologia de Xingó, para mostrar o quanto se faz importante a disponibilidade deste documento e uma boa gestão do acervo documental, para que pesquisas futuras possam acontecer. A análise metodológica abrangeu a identificação do material, a descrição, a escala em que foi produzido, a data de produção e quantidade de documentos existente, que por sua vez era o intuito principal da pesquisa, mostrando que há um vasto acervo documental oriundo do Projeto de Arqueologia de Xingó.

Palavras Chaves: Documentação Arqueológica, Arqueologia Pública, Arqueologia Preventiva, Gestão de Acervo.

ABSTRACT

This monograph aims to review the importance of producing documentation during the field stages and its subsequent accessibility for future research. For a better example, the Archaeological Documentation from the Xingó Archaeology Project, which is in the possession of the Xingó Archaeology Museum, was analyzed to show how important the availability of this document and good management of the documentary collection are, so that future research can take place. The methodological analysis covered the identification of the material, the description, the scale on which it was produced, the date of production and the quantity of existing documents, which in turn was the main purpose of the research, showing that there is a vast documentary collection from the Xingó Archaeology Project.

Keywords: Archaeological Documentation, Public Archaeology, Preventive Archaeology, Collection Management.

AGRADECIMENTOS

É o fim de uma etapa importante da minha vida, a realização de um sonho e o início de uma nova jornada, a qual por muito tempo achei que não iria se concretizar. Passei bastante sufoco, medo e insegurança, mas é com este trabalho e com a participação de pessoas especiais que encerro essa longa jornada.

Por isso, agradeço a Deus por fazer com que essa etapa se torne realidade, em especial aos meus avós maternos Antônio Martins, o famoso Careca, e a Jacileia Alves, a famosa Jaci, por estarem sempre presentes durante todo o meu crescimento e amadurecimento. Foi por causa de vocês dois que me tornei essa mulher e foi por vocês dois que lutei por essa conquista. Eu Amo Vocês, e agradeço muito a Deus por vocês terem me forçado a estudar e a gostar tanto de aprender. A minha Mãe, Thais Martins, ou Mainha Ainha, que durante esses últimos quatro anos, entre trancos e barrancos, esteve sempre ao meu lado, enxugando meu choro, me fazendo levantar mesmo nos dias em que eu não queria e principalmente por todo apoio emocional e financeiro, Eu Te Amo. Ao meu Pai, Gonçalves de Oliveira, que me apoiou e sempre confiou em mim e acreditou que eu chegaria até aqui, Eu Te Amo. Aos meus avós paternos, Dona Nice e Seu Gonçalo, que mesmo distante se fizeram presentes e sempre estiveram comigo, Eu Amo Vocês. Enfim, agradeço a todos os meus familiares que, por mais que desacreditassem no curso, confiaram na minha realização.

Aos meus colegas de curso, que se mostraram uma parte importante para essa “conquista”, em especial a cinco deles, Emilly Santos, Joyce Marques, Manuela Moreira e Mateus Reis, que durante esses quatro anos me apoiaram em todas as loucuras que eu inventei, principalmente Joyce e Manuela que me ajudaram na parte fundamental desta monografia. pessoal, pode não parecer, mas Eu amo muito vocês e serei eternamente grata por esses anos.

E por fim, aos meus professores que, através de seu conhecimento, me torno uma profissional competente e responsável nesse mundo louco que é a Arqueologia. Um agradecimento especial ao Professor Bruno Sanches que no final do segundo tempo me aceitou como orientanda e me orientou nessa etapa final do curso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Bibliografia posta na ficha de Cadastro do sítio arqueológico Justino, em Canindé de São Francisco, SE. Foto: Maria Luzia Martins.	30
Figura 2 - Ar Condicionado e umidificador de ar para controle do ambiente. Foto: Maria Luzia Martins	38
Figura 3 - Mesa utilizada para análise da documentação. Foto: Maria Luzia Martins	38
Figura 4 - Gavetas com documentação do PAX e outros empreendimentos. Foto: Maria Luzia Martins	39
Figura 5 - Armários onde se encontram os livros e alguns croquis de sítios de registros rupestres. Fonte: Maria Luzia Martins	39
Figura 6 - Algumas fotografias, luvas e equipamento para rodar cds. Foto: Maria Luzia Martins	40
Figura 7 - Caixas com documentação (não analisadas). Foto: Maria Luzia Martins	40
Figura 8 - Gavetas onde estão a maior parte dos croquis, mapas e fichas analisadas sobre o PAX e uma balança de precisão utilizada na época. Foto: Maria Luzia Martins	41
Figura 9 - Gavetas desorganizadas e sendo organizadas no meio da pesquisa. Foto: Manuela Moreira	48
Figura 10 - Restos de borrachas grudadas no fundo das gavetas. Foto: Manuela Moreira	48
Figura 11 - Restos de fezes de animais não identificados no meio das gavetas. Foto: Manuela Moreira	49
Figura 12 - Pregos de metais na Gaveta 2. Foto: Manuela Moreira	105
Figura 13 - Croqui da Camada 23 do Sítio Justino, o qual foi molhado e possui uma marca de onde estava apoiado. Foto: Maria Luzia Martins.	105
Figura 14 - Banners. Foto: Maria Luzia Martins.	106
Figura 15 - Exemplo das fichas taqueométricas. Fonte: Maria Luzia Martins.	106
Figura 16 - Exemplo dos perfis estratigráficos. Fonte: Maria Luzia Martins	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Texto, Referência e resumo das bibliografias disponibilizadas e digitalizadas por Camila Cavalcanti e pelo Henrique Pozzi, em 2024. Fonte: Maria Luzia Martins.	30
Tabela 2 - Descrição das fichas preenchidas de Levantamento Técnico antes da mudança de metodologia. Gaveta 01. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	43
Tabela 3 - Documentação analisada da Gaveta 2. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	49
Tabela 4 - Documentação analisada da Gaveta 3. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	53
Tabela 5 - Documentação analisada da Gaveta 4. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	56
Tabela 6 - Documentação analisada da Gaveta 5. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	62
Tabela 7 - Documentação analisada da Gaveta 6. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	64
Tabela 8 - Documentação analisada da Gaveta 7. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	73
Tabela 9 - Documentação analisada da Gaveta 8. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	78
Tabela 10 - Documentação analisada da Gaveta 9. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.	84
Tabela 11 - Documentação analisada da Gaveta 10. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins	86
Tabela 12 - Documentação analisadas, soltas nos dois armários (Figura 3) e no outro gaveteiro (Figura 4). Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins	9

ANEXOS

Anexo 1 - Ficha Técnica de levantamento documental. Fonte: Maria Luzia Martins com auxílio da Inteligência Artificial

Sumário

1. INTRODUÇÃO	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1. Arqueologia em seu âmago	13
2.2. Arqueologias Preventiva	14
2.3. Gestão de Acervos	17
2.4. Conceitos	20
3. METODOLOGIA	23
4. PROJETO DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ - PAX	24
5. O MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ - MAX	26
6. RESULTADOS	26
6.1 Bibliografia Online	27
6.2 Bibliografias Digitalizadas	28
6.3 Acervo Documental do Museu de Arqueologia de Xingó	34
6.3.1 Autogestão da Reserva Técnica	35
6.3.2 Fotografias	40
6.3.3 Gavetas de 1 até a 10	42
6.4. Discussão dos Resultados	129
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
ANEXO	13130

1. INTRODUÇÃO

O Projeto de Arqueologia de Xingó, ocorreu durante os anos de 1987 até os anos 2000 com a construção do museu e contribuiu, de modo geral, para o incremento da arqueologia Pública e Preventiva de Sergipe, como também ajudou na compreensão da história da ocupação humana no Vale do São Francisco, permitindo uma maior visibilidade à arqueologia da região, que até a época era na realidade, desconhecida (Vergne & Amâncio, 1992; Vergne, 1996).

A Arqueologia Preventiva sofreu grandes mudanças desde o seu reconhecimento como um fato essencial na realização de grandes empreendimentos, através de seu surgimento que diversos sítios arqueológicos foram salvos e diversas tradições foram reconhecidas. A arqueologia preventiva, mais do que uma exigência legal, é uma área legítima e produtiva da arqueologia contemporânea, com grande potencial para ampliar o conhecimento sobre sociedades passadas e valorizar o patrimônio cultural (Zanettini & Wichers, 2014).

A Arqueologia Pública é um campo fundamental para se realizar uma pesquisa arqueológica. É através dela que a comunidade passa a conhecer e/ou reconhecer a sua cultura. Ela apresenta uma arqueologia leve e traz a participação de todos para o enriquecimento de um projeto. Entre suas abordagens, ela apresenta a Educação Patrimonial, que eleva o nível de conhecimento tanto do arqueólogo quanto dos moradores da região, e foi isso que o PAX trouxe para Sergipe.

A gestão de acervos arqueológicos não se resume apenas a preservar os vestígios em instituições especializadas. Ela também envolve cuidar da documentação original produzida durante os projetos. Essa documentação é fundamental para manter a integridade na análise e na interpretação dos objetos culturais, acompanhando esses bens desde a escavação até sua possível exposição em museus ou uso em estudos futuros. Por isso a Documentação arqueológica é uma parte essencial de um acervo arqueológico, ela é quem registra o que aconteceu durante toda a pesquisa, levando em consideração todas as etapas realizadas em campo, em laboratório e para

publicações. Sem o devido registro, as coleções perdem muito de seu potencial informativo e aproveitamento público.

Desta forma, partindo da hipótese de que os treze (13) Cadernos de Arqueologia do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX) tornaram-se uma importante referência acadêmica para os estudos sobre a ocupação pré-colonial no Baixo São Francisco. No entanto, pouco se discute sobre a condição de preservação, organização e acesso às fontes documentais primárias que sustentaram sua produção. Diários de campo, croquis estratigráficos, fichas taqueométricas, fotografias, mapas e outros registros originais, atualmente sob a custódia do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), compõem um acervo fundamental para a compreensão do processo de pesquisa arqueológica na região.

Este trabalho tem como objetivo geral ressaltar a importância da produção e preservação de documentos durante as etapas de campo e sua posterior acessibilidade para pesquisas futuras, especialmente em casos como o do Projeto Arqueológico de Xingó (PAX), em que sítios arqueológicos foram destruídos em função da construção de uma barragem. Como objetivos específicos, delineamos os seguintes:

1. Identificar *in loco* se há cadernos de campo, croquis estratigráficos, registros fotográficos, mapas e decalques produzidos na época.
2. Investigar o estado atual desse acervo e refletir sobre sua importância para a memória científica e patrimonial.
3. Descrever o estado em que essas documentações se encontram, sem uma seleção específica da documentação, buscando incluir qualquer tipo de informação existente sobre o Projeto Arqueológico de Xingó (PAX).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Arqueologia em seu âmago

Para Pedro Paulo Funari (1988), “[...] a arqueologia estuda os sistemas socioculturais, sua estrutura, funcionamento e transformações com o decorrer do tempo, a partir da totalidade material transformada e consumida pela sociedade” (Funari, 1988, p. 9), sua definição não se restringe nem à escavação nem ao passado. Todavia, ao considerar a natureza do objeto de estudo da arqueologia, é notório que a noção de um objeto estritamente concreto revela-se, de certa forma, limitado. O próprio autor ressaltava essa complexidade ao afirmar que “[...] para que se possa delimitar o campo de atuação da Arqueologia, é necessário, portanto, definir o seu objeto de estudo, os seus objetivos e a sua posição frente às ciências humanas” (Funari, 1988, p. 9).

Seguindo os mesmos parâmetros, Renfrew e Bahn (1991) agregam ao conceito quando

destacam que a arqueologia não se delimita a escavação de artefatos, mas também, envolve, sobretudo, uma interpretação do passado humano a partir da sua materialidade cultural. A arqueologia busca captar as sociedades pretéritas por intermédio de metodologias rigorosas que permitam reconstruir modos de vida, práticas sociais e estruturas simbólicas a partir dos vestígios deixados pelas sociedades que por ali passaram.

Abrangendo essa abordagem, em 2003, Funari reformula sua definição ao afirmar que a arqueologia “[...] estuda, diretamente, a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico” (Funari, 2003, p. 15). Dessa maneira, entende-se que a Arqueologia compreende não apenas os vestígios materiais da cultura, mas também os elementos simbólicos e intangíveis que organizam a vida social, não se restringindo ao passado.

Desse modo, a Arqueologia deve ser vista como uma ciência que se conecta com várias áreas do conhecimento e se dedica a estudar as sociedades humanas ao longo do tempo a partir de vestígios arqueológicos, tais como artefatos cerâmicos, líticos, restos botânicos, registros rupestres, entre outros elementos da cultura material. Além disso, essa disciplina também leva em conta a cultura imaterial, que inclui saberes, tradições, valores e práticas que são passadas de geração para geração, considerando tudo isso como parte importante do que está sendo investigado.

Sendo assim, a Arqueologia se sobressai das demais ciências sociais, por sua capacidade de acessar e interpretar as sociedades “enterradas/esquecidas” com base nos vestígios que elas deixaram. A investigação arqueológica é conduzida por diferentes vertentes da ciência, desde a clássica arqueologia mediterrânea até a arqueologia contemporânea, onde suas abordagens teórico-metodológicas convergem para o entendimento crítico e contextualizado do tempo humano.

2.2. Arqueologias Preventiva

A Arqueologia Preventiva teve início no Brasil com outra denominação, Arqueologia de Salvamento, na década de 1970, com diligência no setor hidrelétrico, sendo as primeiras a trabalharem nesse ramo as instituições acadêmicas, pois eram as que tinham um corpo profissional de arqueólogos. (Caldarelli, 2017)

Caldarelli (2015) apresenta a Arqueologia Preventiva no âmbito de salvaguarda de vestígios arqueológicos seguindo todo o aparato de preservação e meio ambiente, ela diz que:

A Arqueologia Preventiva tem suas origens na então denominada “Arqueologia de

Salvamento” (“Rescue Archaeology”), tanto internacionalmente, como no Brasil (Lei 3.924/1961). Sua evolução e fortalecimento, no entanto, se deu com o movimento ambientalista, o qual resultou na institucionalização do instrumento da “Avaliação de Impacto Ambiental” de Planos, Programas e Projetos Governamentais, em especial por se ter tornado exigência dos órgãos financiadores mundiais para Projetos de infraestrutura, em respeito às recomendações da UNESCO sobre o patrimônio arqueológico mundialmente ameaçadas, conforme o Artigo 3 da Carta para a Proteção e Gestão do Patrimônio Arqueológico (ICOMOS/UNESCO, 1990). (Caldarelli, 2015, p. 6

A implementação de legislações que assegurem o patrimônio arqueológico (No Brasil a Lei 3.924/1961) serviu como um extensor de oportunidades para a arqueologia preventiva. Caldarelli (2015) dá modelos explícitos sobre o quão importante foi para a arqueologia a adoção de medidas para se preservar o patrimônio, além de servir como um dos principais norteadores da Avaliação de Impactos sobre o meio ambiente.

A Arqueologia Preventiva intensificou os estudos arqueológicos, elevou os parâmetros conhecidos da qualidade científica, trouxe consigo efeitos positivos não só por reconhecer o passado de regiões inexploradas por pesquisadores acadêmicos, bem como também possibilitou e incrementou nos trabalhos atualização de dados das próprias pesquisas acadêmicas. Além disso, contribuiu com técnicas e métodos que passaram a auxiliar as pesquisas arqueológicas em grande escala (Caldarelli, 2015).

Com a Resolução CONAMA nº01/1986, a Portaria nº 07/1988 e a Portaria nº230/2002, a arqueologia passou a receber um maior reconhecimento possibilitando a sua inclusão nos processos de avaliação de estudo ao patrimônio, e de fato passou a ser realizada no Brasil.

A arqueologia preventiva surge no momento em que um patrimônio cultural está ameaçado por empreendimentos em grande escala e o Brasil vive seu período de redemocratização. A Resolução Conama nº 01/1986 instaura os procedimentos para o licenciamento ambiental no Brasil, incluindo explicitamente a proteção dos bens arqueológicos como parte do processo. Responsável por sua gestão, o IPHAN lançou a primeira portaria de execução da normativa do Conama, a nº 07/1988. Revista pela portaria nº 230/2002 e, finalmente, a Instrução Normativa de 2015. Todas tiveram o propósito de “Estabelecer procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe” (IPHAN, 2015). Elas aparecem como uma forma de organizar e determinar os trabalhos arqueológicos em níveis (Níveis de Impacto ao Patrimônio Arqueológico; I, II, III e IV) e mostra como a arqueologia preventiva no Brasil deve seguir frente a diversos empreendimentos.

Mesmo com essa regulamentação (e frequentes atualizações), a arqueologia preventiva

passa por desafios que são enfrentados desde o início dela no país. Caldarelli (2015) diz que há problemas que são compartilhados tanto nacionalmente como internacionalmente quando se trata de gestão de bens arqueológicos os quais estão sendo ameaçados por grandes projetos.

Ainda em 1986, Igor Chmyz aborda esses problemas em seu artigo “As realidades sociais e políticas da arqueologia de salvamento no Brasil”. Nele, apresenta exemplos de projetos arqueológicos que estão sendo desenvolvidos em grande escala e mostra que esse crescimento fortalece o reconhecimento e a importância de salvaguardar o patrimônio arqueológico.

A atual fase de salvamento no Brasil pode ser considerada heroica pelo seu pioneirismo e porque está exigindo muito esforço dos que a eles se dedicam, conscientes que o patrimônio arqueológico deve ser resgatado a todo custo, deixando de lado, muitas vezes, pesquisas que poderiam desenvolver mais tranquilamente em áreas não ameaçadas e eleitas com expectativas de resultados mais retumbantes. (Chyz, 1986, p. 12. Grifo no original)

Chmyz (1986), apresenta um fato que até hoje serve como exemplo: mesmo que um arqueólogo esteja resgatando um sítio em um lugar, outro sítio estará sendo destruído em outra localização, “[...] enquanto se escavar um sítio seguindo os métodos tradicionais, obtendo-se o mesmo grande número de informações, dezenas de outros são destruídos, sem que se tenha qualquer dado.” (Chmyz, 1986, p.; 12)

Como Caldarelli (1999-2000) apresenta:

[...] a problemática da arqueologia de contrato no país não passa apenas pela solução dos problemas apontados anteriormente, metodológicos teóricos e de divulgação do conhecimento produzido, mas também pela solução dos delicados problemas relacionados entre os agentes da pesquisa arqueológica realizada por contrato. (Caldarelli, 1999-2000, p. 69)

A idealização de uma Arqueologia Preventiva voltada somente para recolher vestígios e guardá-los em uma reserva técnica ou em um museu e deixá-los lá se tornou retrógrada. Realizar um trabalho arqueológico sendo preventivo ou acadêmico envolve questões maiores, e uma gestão mais científica e publicável de informações, em que sirva não somente como uma fonte integrada de conhecimento, mas também como uma ferramenta pública trabalhada para a sociedade atual como um todo, e não somente guardar os vestígio sem uma reserva e deixá-los trancados.

Um dos maiores problemas enfrentados por esses profissionais é o grande volume de vestígios resgatados, o aumento de caixas em reservas técnicas e a falta de documentação para compreender o acervo na reserva. Quando se está preocupado em salvaguardar um sítio que está sendo ameaçado por um empreendimento a preocupação recai sobre a materialidade e não sobre escrever o que está acontecendo no momento em questão.

Os vestígios arqueológicos são, em muitos casos, conservados em reservas técnicas

acompanhados apenas de informações básicas, como a identificação do sítio de origem, a unidade estratigráfica de coleta e uma caracterização sumária de sua situação. Esses dados são, geralmente, registrados em fichas sucintas que, por apresentarem lacunas informativas, tornam mais difícil para os pesquisadores futuros entenderem o contexto. Diante disso, destaca-se a relevância da produção de documentação detalhada e sistemática como etapa fundamental no processo de pesquisa arqueológica.

Como Renfrew e Bahn (1991) reforça:

El arqueólogo tiene una responsabilidad especial debido a que (...), la propia excavación implica una destrucción. La comprensión por los futuros investigadores de un yacimiento no podrá ser mucho mayor que la nuestra, porque habremos destruido la evidencia y registrado sólo aquellas partes que hayamos considerado importantes y publicado adecuadamente. (Renfrew & Bahn, 1991, p.487)

A realidade colocada pelos autores enfatiza a importância da produção de documentos *in situ* para publicações e pesquisas posteriores. Por isso Caldarelli (2015:2017) está sempre frisando a necessidade de publicar as ações realizadas em conjunto, se possível, com gestores acadêmicos, ou seja, todo trabalho realizado deveria ser divulgado para conhecimento público.

Funari (2003) e Almeida (2012), colocam em prática como um arqueólogo deve trabalhar, desde o levantamento documental anterior a ida a campo até o registro final do profissional em campo. Ele realça que o trabalho arqueológico vai para além da escavação, mesmo na Arqueologia Preventiva, há o envolvimento intelectual que começa com formulações de hipóteses e definições de objetivos de pesquisa. Além disso, há o reforço nas questões éticas e legais, no estudo do patrimônio cultural e o envolvimento desse patrimônio com a comunidade local em que ele está inserido.

Dessa forma, a arqueologia preventiva, longe de se configurar apenas como uma resposta técnica às exigências legais e aos trâmites burocráticos impostos por empreendimentos econômicos, deve ser compreendida como uma vertente legítima e produtiva da arqueologia contemporânea. Seu potencial para contribuir significativamente com a construção do conhecimento sobre as sociedades passadas, bem como para a preservação e valorização do patrimônio cultural, reforça a importância de sua integração às práticas científicas e acadêmicas no campo arqueológico (Caldarelli, 2015; Zanettini; Wichers, 2014).

2.3. Gestão de Acervos

A compreensão da gestão de acervos arqueológicos exige, inicialmente, o entendimento das diretrizes e práticas que encaminhem para a gestão em instituições de guarda e pesquisa, museológicas e reservas técnicas. Elas são o destino final dos bens culturais retirados de seu

contexto original e, portanto, carregam enorme responsabilidade.

Os museus, segundo Padilha (2014), “[...] têm o dever de adquirir, preservar e valorizar seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico. Seus acervos constituem patrimônio público significativo, ocupam posição legal especial e são protegidos pelo direito internacional.” (Padilha, 2014, p.24). Dessa forma, além de preservar e conservar é do dever dos museus promover acessibilidade dos bens culturais, responsabilizar-se por sua alienação e garantir sua exposição à sociedade, contribuindo, assim, para o conhecimento científico e o fortalecimento da memória coletiva.

Augustin e Barbosa (2018), reforçam essa ideia quando falam em quão comprometidos devem estar essas instituições “[...] com a preservação e com a comunicação dos bens culturais considerados patrimônio” (Augustin e Barbosa, 2018, p. 135). Além de sempre estar levando em consideração meios pelos quais os bens foram obtidos pelas instituições. As autoras mencionam ainda que a gestão de acervos em museus deve ser orientada por um documento específico denominado de “política de gestão de acervos”. Este Instrumento normativo “[...] engloba de forma geral temas como a aquisição, a documentação, a conservação, o empréstimo e a alienação dos bens culturais musealizados, dentre outros, objetivando apresentar diretrizes de ação para a equipe do museu.” (Augustin e Barbosa, 2018, p. 135). Trata-se portanto, do plano estratégico que norteia as ações institucionais relacionadas à salvaguarda dos bens culturais e está disponível para todos.

Augustin e Barbosa (2018), ao citar Padilha (2014) definem gestão de acervo como “a salvaguarda das coleções, o cuidado com o bem-estar físico e o conteúdo do acervo, a sua segurança a longo prazo, o acesso público ao seu conteúdo e a descrição das atividades particulares realizadas pelo processo administrativo do museu.” (Padilha, 2014, s/n *apud* Augustin e Barbosa, 2018, p.135) Essa tomada de decisões visa observar o objeto desde a sua aquisição até o seu destino final, seja o descarte ou a exposição. Ele é utilizado para definir como os profissionais devem agir em consequência do estado da peça que estão em sua posse, além de englobar vários tópicos, esmiuçando cada detalhe mínimo que está acontecendo no museu como Augustin e Barbosa (2018) colocam:

[...] as políticas podem ser muito mais abrangentes e englobar diversos tópicos, detalhando os temas mínimos esperados e acrescentando outros, como missão e objetivo do museu, código de ética, inscrição, aquisição e incorporação, título de propriedade válido, proveniência e obrigação de diligência, materiais sensíveis e protegidos, avaliação e autenticação, abatimento e cedência, devolução e restituição, catalogação, numeração e identificação, inventário, empréstimos, relatório sobre o estado de conservação e glossário/padrões, documentação, preservação do acervo, armazenamento do acervo, manuseio e movimentação do acervo, fotografia, prevenção de acidentes, seguro, acessibilidade do acervo, segurança, exposições, controle do

ambiente adequado, monitoramento do acervo em exposição, materiais de exposição apropriados, embalagem e transporte, investigação, recolha de campo, ambiente interno, eruditos e investigadores visitantes, análise destrutiva, coleta pessoal e utilização pessoal do acervo, conservação preventiva e conservação. (Augustin & Barbosa, 2018, p.136

A importância de se obter as documentações primárias de um acervo resgatado é bastante significativa, visto que Augustin e Barbosa (2018) dizem que na tomada de decisões de um determinado bem móvel é necessária a obtenção de toda uma documentação primária para gerir o acervo musealizado ou salvaguardado.

Essas diretrizes se estendem à organização das reservas técnicas, que são ambientes habilitados dentro de instituições de guarda e pesquisa e museus, que se dedicam à guarda e conservação de acervos. Mirabile (2010) diz que nessa instituição “as funções de uma reserva técnica devem ser integradas ao projeto científico e cultural do museu, e devem seguir um esquema de interconexão do centro do edifício com o conjunto de equipamentos técnicos e com os espaços.” (Mirabile, 2010, p. 5).

De modo simbólico Ghetti (2015), aponta a metáfora francesa da reserva como pulmão de um centro de pesquisa arqueológico, pois coordena a entrada e saída, o fluxo vital, de coleções (como de ar).

Por conseguinte, tanto a gestão de reservas técnicas quanto a gestão museológica compartilham finalidades semelhantes: a preservação e valorização dos vestígios materiais resgatados, sejam eles provenientes de doações, arqueologia preventiva ou pesquisas acadêmicas.

Neste trabalho, é fundamental ressaltarmos a importância de conservar a documentação primária gerada durante os projetos de arqueologia. Essa documentação acompanha os bens arqueológicos desde a escavação até sua eventual musealização ou interesse de pesquisa por terceiros, é essencial para manter a integridade analítica e interpretativa da cultura material. Como Ghetti (2015) destaca, “os vestígios (artefatos) resgatados precisam ter todo seu potencial de análise aproveitado e nenhum dado analítico deve ser perdido ou distorcido, para que as pesquisas arqueológicas em todas as suas fases — pré-campo; campo e pós-campo (laboratório/divulgação) — realmente contribuam para aprofundar nosso conhecimento sobre o modo de vida de nossos antepassados” (Ghetti, 2015, p. 109). A gestão da documentação associada aos vestígios arqueológicos deve, portanto, ser tão criteriosa quanto a gestão dos próprios artefatos. Croquis, mapas, fotografias e relatórios técnicos compõem um acervo documental que necessita de tratamento adequado para garantir seu acesso, conservação e uso em futuras pesquisas.

A ausência de um planejamento estruturado para a gestão documental tem provocado, em

longo curso, lacunas que inibem os trabalhos de pesquisadores em acervos arqueológicos. Ghetti (2015) conclui que

[...] a proposta que define ações e recomendações integradas para elaboração de um plano de gestão integrada para a conservação e valorização dos acervos arqueológicos e suas coleções busca refletir a expressão de uma dinâmica de preservação a qual integra as etapas da pesquisa arqueológica e o trabalho em conservação em suas dimensões de investigação, correção e prevenção da deterioração dos acervos arqueológicos. (Ghetti, 2015, p.149)

Desse modo, verifica-se que a gestão de acervos arqueológicos requer um manejo entre instituições museológicas e reservas técnicas, com políticas mais estruturadas, documentações mais criteriosas e mais práticas que envolvam a preservação e valorização dos vestígios. Tais práticas não devem se limitar somente à conservação da materialidade cultural, mas também na inclusão de um tratamento adequado das informações que foram geradas ao longo de todas as etapas da pesquisa arqueológica. A percepção desses procedimentos é essencial para garantir o acesso ao patrimônio arqueológico – como a Arqueologia Pública – por parte da comunidade científica e do público em geral. Nessa direção, antes de focar na análise da documentação arqueológica em gestão de acervos, é vital discutir conceitos que tornam fundamental a gestão de acervos arqueológicos, no intuito de embasar teoricamente as abordagens averiguadas neste trabalho.

2.4. Conceitos

No campo da arqueologia, o gerenciamento de coleções também inclui o tratamento de informações obtidas em diferentes fases de pesquisa: antes de campos, campos, laboratório e publicação dos resultados. Como Ghetti aponta (2015), além da conservação de traços materiais, é essencial garantir a conservação e o acesso à documentação conectada - relatórios, esboços, fotografias, mapas e registros técnicos - uma vez que esses documentos são inseparáveis pelas interpretações arqueológicas e pelo potencial científico e educacional da coleção.

Seguindo esse raciocínio, a noção de gerir um acervo arqueológico envolve não apenas a preservação da cultura material resgatada, mas também a garantia de integridade documental e informacional que os acompanham. A interligação entre museus, reservas técnicas e a documentação primária se faz necessária para a salvaguarda e o reconhecimento do patrimônio arqueológico. Essas ações garantem que a pesquisa científica continue e que tanto a comunidade acadêmica quanto o público em geral tenham acesso de qualidade aos dados.

Com base nesses elementos, é possível compreender os principais conceitos que apóiam a prática de gerenciar as coleções arqueológicas e que devem possuir em um conjunto de acervo arqueológico, que serão apresentadas abaixo, a fim de construir uma estrutura teórica de acordo

com os objetivos deste documento.

- **Acervo Arqueológico:** pode ser compreendido como uma coleção de bens culturais advindos de estudos arqueológicos por materiais imóveis e, principalmente, móveis, além dos registros documentais, fotográficos e gráficos. Funari (2003) apresenta que esses acervos constituem-se a partir de uma cultura material que já foi de uso de sociedades passadas e devem ser compreendidos como parte de uma totalidade cultural. Ghetti (2015) vem reforçar, dizendo que esses conjuntos devem ser analisados e explorados, pois será através deles que o conhecimento sobre o modo de vida de uma determinada sociedade pretérita será reconhecido.
- **Salvaguarda:** essa palavra está se referindo a reunião de trabalhos voltados à conservação, prevenção, documentação e divulgação do acervo, garantindo sua integridade física e simbólica (Padilha, 2014). É um dos principais objetivos de uma instituição museológica e de uma reserva técnica, que visa assegurar a longevidade dos bens culturais resgatados, para promover matrizes de memória e identidade cultural. Que segundo a UNESCO (2003) “é garantir a viabilidade do patrimônio cultural, por meio da identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão e revitalização dos diferentes aspectos desse patrimônio”
- **Manutenção:** São ações conjuntas e contínuas, programadas, que visam conservar as condições ambientais e estruturais adequadas para os vestígios materiais, evitando problemas irreversíveis. Para Muñoz Viñas (2005) “[...] a manutenção é a primeira linha de defesa contra a deterioração, sendo mais eficaz e menos invasiva do que as intervenções curativas”.
- **Prevenção:** se trata da antecipação de riscos potenciais e da adoção de medidas para possíveis causadores de deterioração e perdas. Ela é uma das partes principais para se obter uma conservação preventiva. Sease (1994) afirma que prevenir é reconhecer os agentes de deterioração — físicos, químicos, biológicos ou humanos — e adotar estratégias para minimizá-los antes que causem danos ao patrimônio.

Esses conceitos são os essenciais para a gestão de acervos arqueológicos de modo geral. Sendo assim, para a pesquisa deste trabalho os conceitos estão relacionados a “Documentação Arqueológica”, o que ela é, e quais documentos ela abrange. Documentação Arqueológica: é um processo de gravação sistemático de todas as informações relevantes obtidas durante a pesquisa

arqueológica. Isso inclui uma descrição detalhada do contexto de escavação, materiais, estruturas, níveis estratigráficos, coordenadas geográficas, design, fotografias e todos os outros dados que permitiram a reinterpretação ou resultados futuros da pesquisa. Esta documentação é essencial para garantir a transparência científica, preservar a memória do local (a partir da escavação como processo destrutivo) e permitir uma análise adicional. Como aponta Carvalho (2008) “A documentação deve ser compreendida como parte integrante do processo de escavação arqueológica, não apenas como um registro auxiliar, mas como o verdadeiro suporte da interpretação científica.” (Carvalho, 2008, p. 77). Autores como Funari (2003), também ressaltam que a documentação arqueológica é essencial para a reprodutibilidade da pesquisa, pois ela viabiliza uma melhor curadoria e uma gestão mais “humanizada”, e Gaspar (2003) que diz que uma documentação bem elaborada está favorecendo práticas arqueológicas e públicas e ações educativas, contribuindo numa democratização do conhecimento arqueológico. Ademais o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) põe como obrigatório a disponibilização de toda a documentação produzida durante um trabalho de campo, ele exige que sejam claras, acessíveis e tecnicamente adequadas (IPHAN, 2021).

Faz parte dessa documentação arqueológica: registro técnico, fotográfico, descritivo das evidências e contextos identificados em campo e em laboratório, abrangendo desde as fichas de materiais, diários de campo, registro estratigráficos, plantas, perfis, até a numeração, catalogação e o inventário realizado dos vestígios materiais móveis e imóveis. Consoante a Carvalho (2008) e Funari (2003), esse registro é uma parte essencial para a construção, interpretação científica e preservação da memória do sítio arqueológico, já que a arqueologia é uma ciência destrutiva e seus atos são, em sua maioria, irreversíveis.

Portanto, a documentação arqueológica não é apenas uma série de procedimentos técnicos, mas também um importante pilar metodológico para a prática arqueológica. Ele garante que as informações obtidas no campo e no laboratório sejam adequadamente registradas, contextualizadas e preservadas, permitindo análises futuras e fornecendo transparência e renovação da pesquisa. Essa sistematização cuidadosa - que abrange os traços do material em gravações gráficas, descritivas e fotográficas - é o único meio de renovar o contexto destruído pela própria ação do arqueólogo em campo. Com base nesse entendimento, a metodologia adotada neste documento baseia-se em análises bibliográficas das práticas arqueológicas e do gerenciamento das coleções documentais em reservas técnicas e museus, com foco nos documentos arqueológicos presentes na Reserva Técnica do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), utilizando como estudo de caso a documentação arqueológica existente do Projeto de Arqueologia de Xingó (PAX).

3. METODOLOGIA

A pesquisa em questão busca adotar uma abordagem descritiva, com o intuito de caracterizar e explicar o acervo arqueológico escolhido para estudo - a documentação construída durante o Projeto de Arqueologia de Xingó (PAX), consoante a uma análise mista quantitativamente e qualitativamente, da organização, acessibilidade, condições da salvaguarda, bibliografias disponíveis na internet e as fontes documentais sob custódia do Museu de Arqueologia de Xingó (MAX-UFS).

A pesquisa usou técnicas e procedimentos metodológicos que foram organizados em quatro etapas principais:

1. A pesquisa documental online: foi nessa etapa que percebi a problemática de acesso aos dados sobre o PAX. Quando pesquisava sobre o tema, encontrava somente trabalhos sobre os vestígios encontrados, mas nada concreto sobre os trabalhos realizados durante o período da escavação até a criação do museu.
2. Criação de uma ficha de Análise documental o qual utilizei para fundamentar os parâmetros de análise e estruturar a Ficha Técnica de levantamento documental (ANEXO I) - a qual foi montada com auxílio da Inteligência Artificial (Gemini e Chat GPT) na sua estruturação como ficha, nesse momento utilizei como base de referência para propor sua estrutura à Inteligência Artificial, duas fichas utilizadas nas aulas de cerâmica e lítico durante a graduação.
3. A pesquisa documental *in loco*: Foi enviado ao Museu de Arqueologia de Xingó uma proposta para se ter acesso a documentação que eles possuem sobre o PAX. Buscou investigar, as condições de salvaguarda, os sistemas de organização e os mecanismos de acessibilidade das fontes documentais primárias ou secundárias que fundamentaram a produção de qualquer trabalho realizado sobre o PAX. O levantamento foi feito pelo preenchimento de fichas de levantamento técnico (ANEXO I) e registros fotográficos, além de analisar o sistema de organização, verificar como os dados estão classificados e catalogados e adicionar na ficha de levantamento.
4. Organização e análise dos dados: os dados obtidos serão analisados e organizados de acordo com as respostas contidas nas fichas. Com esses dados obtidos, para uma melhor organização, serão reunidos em tabelas para facilitar o entendimento dos padrões quantitativos, como a quantidade de documentos existentes por tipo, por exemplo quantos croquis existem e com quem estão, quantas, se encontrei diários, mapas, etc., como eles se encontram, ou seja sua

integridade física (danificados, ausentes, conservados) e se eles estão disponíveis. E na análise, irei articular os resultados mostrando o que há de dados produzidos durante o PAX e que auxiliaram na produção dos treze (13) cadernos de arqueologia. O trabalho integrará aspectos **descritivos** buscando as práticas institucionais de gestão dos dados consolidados da ficha, buscando uma compreensão crítica da situação atual do acervo, não houve uma seleção específica da documentação, já que por sua vez o intuito era entender se existia informações e documentações sobre o PAX.

4. PROJETO DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ - PAX

Em 1980, o desenvolvimento e execução do Projeto de Mapeamento dos Sítios Arqueológicos do Estado de Sergipe (PMSAS), desenvolvido pelo DCE/UFS, onde o professor da Universidade Federal de Sergipe, Fernando Lins de Carvalho estava a frente, onde promoveu estudos práticos e teóricos sobre arqueologia, juntamente com alunos de História e Geografia da UFS. Eles identificaram sítios arqueológicos ao longo de todo o Estado, sendo nos municípios de Frei Paulo, Riachuelo, Divina Pastora, Pacatuba, Santa Luzia do Itanhi, Pedrinhas e Cristinápolis (Carvalho, 2003). Sendo associados à tradição Aratu e Tupiguarani.

A maior pesquisa que ocorreu no Estado se deu através do Projeto de Arqueologia de Xingó, onde foi realizado através da contratação da Usina Hidroelétrica de Xingó (UHE Xingó) pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF). A UHE, estava para inundar as áreas pertencentes aos municípios de Paulo Afonso, no Estado da Bahia, Olho D'água do Casado, Piranhas e Delmiro Gouveia, no Estado de Alagoas, e Canindé do São Francisco, no Estado de Sergipe (CHESF, 2014 apud Jesus, 2014). Por isso, buscando cumprir com as exigências do licenciamento ambiental, a CHESF iniciou uma parceria com a UFS para que o PAX acontecesse (CHESF, 2014 apud Jesus, 2014).

O PAX aconteceu em dois momentos, o primeiro foi o levantamento e cadastros dos sítios arqueológicos, sondados e resgatados, encontrados entre 1988-1994. A segunda etapa ocorreu de 1995-2000, quando foram acrescentados trabalhos de prospecções, as análises dos vestígios já resgatados, agora com o apoio financeiro da PETROBRAS (UFS, 2002). O projeto progrediu por mais dez anos, e os vestígios encontrados não estavam se associando a nenhuma tradição já conhecida, o que fez com que uma nova tradição fosse criada, chamada agora, de Cultura Canindé (Carvalho, 2003; Martin, 1997). O PAX resultou, ainda, na construção do MAX (Museu de Arqueologia de Xingó), no ano 2000, em parceria com a PETROBRAS (Arimateia, 2022).

Ao longo das prospecções arqueológicas entre 1988 até 1997 foram encontrados diversos sítios arqueológicos, e com o fechamento da barragem em 1994 realizou-se o Salvamento

Arqueológico de Xingó (Silva, 2005). Para os dois períodos, a equipe responsável era composta por Cleonice Vergne, Suely Amâncio e Sônia Vitório, coordenadas por Fernando Luís de Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe.

A ideia inicial era realizar a prospecção em apenas dois anos (1988 - 1990). No entanto, depois de uma pausa de um ano, o projeto teve extensão de mais cinco anos (1991 - 1995). Nesse período foram prospectados terraços, platôs e abrigos onde seriam afetados pela barragem, além de sessenta (60) riachos afluentes do São Francisco, em Sergipe vinte e seis (26), em Alagoas vinte e cinco (25) e nove (9) na Bahia. Os métodos utilizados foram perfuração em subsuperfície e caminhamento. Quando identificada uma presença significativa de vestígios arqueológicos, abriram-se trincheiras e nas mesmas abriram quadrículas de 1 x 1 m onde evidenciava em camadas de 10 em 10cm para, também, visualizar as camadas estratigráficas e as características do contexto. No total, foram encontrados 41 sítios a céu aberto nos terraços, e quinze (15) sítios de registro rupestre localizados em abrigos dos paredões do cânion. O material catalogado fora cerâmico, lítico, faunístico, fogueiras, esqueletos (completos e incompletos) e sedimentos.

No momento em que se iniciou os resgates arqueológicos do projeto da CHESF quem estava à frente das pesquisas era o Dr. Igor Chmyz: vinte e seis (26) sítios foram escavados, dentre eles o Justino.

As pesquisas foram acompanhadas por estagiários, profissionais de diversas áreas como a Dra. Niéde Guidon, Ms. Emílio Fogaça, Suely Luna, Ana Nascimento, Nívea Leite, André Prous e muitos outros de diversas especializações, o que possibilitou a criação de um compilado de publicações denominado “Cadernos de Arqueologia”. Foram ao total treze (13) volumes, além notas etnográficas, e dois relatórios (um relatório final do projeto arqueológico de Xingó e um relatório final do salvamento arqueológico de Xingó), além de livros sobre os registros gráficos e rupestres e da pré-história sergipana.

Pode-se dizer, então, que o PAX deu início a arqueologia de contrato no estado de Sergipe, e de forma monumental, contendo em seus registros de salvamento mais de 55 mil peças arqueológicas. O PAX contribuiu, de modo geral, para o incremento da arqueologia em Sergipe, bem como para compreender a história da ocupação humana no Vale do São Francisco, permitindo uma maior visibilidade de grande proporção à arqueologia da religião em território nacional, que até a época era, na realidade, desconhecida (Vergne & Amâncio, 1992; Vergne, 1996; Diniz, 2005).

5. O MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE XINGÓ - MAX

A primeira instalação dos laboratórios do Salvamento do PAX, estava nas casas de obra da CHESF. Logo depois, houve a necessidade de se instalar contêineres próximos à barragem

para salvaguardar o material resgatado. Com isso iniciou-se em 1997 o projeto do Museu de Arqueologia de Xingó.

O Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) foi criado para ser uma instituição museológica, universitária e científica, assim como aponta Diniz (1998, *apud* Bruno 1997), seguindo o plano de implantação:

Uma **Instituição Científica, Universitária, e Museológica** com as responsabilidades de produzir conhecimento, interagir com as distintas esferas de ensino e extensão e de preservar o patrimônio. Da mesma forma, sua implantação deverá gerar, por um lado um polo catalisador de projetos científicos de outras universidades interessadas nestas pesquisas e, por outro, um pólo irradiador de programas de turismo cultural (Cristina Bruno, 1997 *apud* Diniz, 1998)

O museu foi inaugurado em abril dos anos 2000, criado pela Universidade Federal de Sergipe, com o patrocínio da CHESF, PETROBRÁS e do Programa Xingó (SUDENE/CNPq/CHESF).

A organização estrutural do MAX é constituída pela Administração Central, pelos Laboratórios de Pesquisa Arqueológica e Reserva Técnica, pelo Sítio Escola e pela Unidade de Exposições, que dá corpo e sentido ao MAX, situada no município de Canindé do São Francisco, Sergipe. Essa unidade constitui o veículo de contato mais direto tanto com os resultados da pesquisa arqueológica quanto com a comunidade local e regional (PORTAL UFS - O MAX)¹

Ele possui uma apresentação de uma escavação, hipótese de ocupação humana da América, chegando até Xingó. Finalmente, se dedica ao cotidiano de vida dessas populações. A exposição conta com material cerâmico, rupestre, lítico e ósseo, entre originais e réplicas, todos oriundos da região. A isso, mescla material didático como dioramas, pinturas e obras de arte contemporânea. Tal descrição foi resultado de uma visitação própria ao museu.

6. RESULTADOS

De início deste trecho, apresento a minha problemática de pesquisa, a qual utilizei como base para a escrita desta monografia, que seria:

Considerando que os treze (13) cadernos de arqueologia do PAX como referência acadêmica para estudos sobre a ocupação pré-colonial no Baixo São Francisco, qual a condição de preservação, organização e acesso às fontes documentais primárias que embasaram sua produção, o que inclui diários de campo, croquis estratigráficos, fichas taqueométricas, fotografias, mapas, etc, originais que estão sob custódia do Museu de arqueologia de Xingó (MAX)?

A hipótese inicial era de que houvesse uma priorização da curadoria dos artefatos sobre a

¹ <https://max.ufs.br/pagina/20239>. Acesso em 14 de Maio de 2025, às 23:52.

documentação advindas do PAX (1988-2000). Com isso, haveria uma assimetria informacional, ou seja, enquanto o acervo material foi estabilizado em reservas técnicas climatizadas, os registros documentais, escritos, desenhados, permaneceram como “arquivo morto”, sem protocolo de preservação. Isso teria limitado a capacidade de revisar as decisões de campo cruciais, deixando as pesquisas futuras sem uma compreensão plena do que ocorreu durante o projeto.

Frente a isso, buscou-se, como dito na metodologia, procurar qualquer tipo de fonte documental da qual o MAX estava em posse, averiguando sua extensão, condição de preservação e acessibilidade para pesquisa. Queríamos provar que, mesmo que pouco divulgada, haveria documentação guardada e pouco explorada nos arquivos do Museu.

Os resultados foram satisfatórios, principalmente em questão da análise quantitativa da documentação. Já em relação ao estado de preservação, foi perceptível que houve, no início, uma falta de cuidado com essa documentação, o que ocasionou em danos irreparáveis no material.

6.1 Bibliografia Online

Para a busca de publicações online, usamos a plataforma *Google Acadêmico*, com as palavras-chave [PAX, MAX, Montante e Jusante, Xingó, Cleonice Vergne]. Os resultados, são monografias, dissertações e artigos científicos analisando sítios e materiais oriundos do projeto.:

1. FAGUNDES, Marcelo. Organização Tecnológica das Indústrias Líticas da Área 03 em Xingó, Baixo São Francisco. **Revista Clio–Série Arqueológica**, Brasil, v. 25, 2010.
2. FAGUNDES, Marcelo; ALVES, Márcia Angelina. **Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco**, Brasil. 2007.
3. GHIGGI, Vani Piaia. **Fazenda Mundo Novo: abrigo Dom Helder-espaço de ocupação humana pré-colonial**. Orientação Doutora Suely Gleide Amâncio Martinelli. Monografia (bacharelado em arqueologia). Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – UFS, 2013.
4. SOUZA, Vanessa Santos. **Particularidades e semelhanças do registro Rupestre da fazenda mundo novo em Canindé de São Francisco-SE**. Orientação Dra. Suely Gleyde Amâncio Martinelli. Mestrado (pós-graduação em arqueologia). Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – UFS, 2013.

Não encontramos publicações sobre a documentação primária, apenas citações, como é o caso das fichas do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), que menciona os

relatórios, os “Cadernos de Arqueologia”, mas sem identificação de seu depósito.

Nome do projeto: Projeto Arqueológico de Xingó (PAX)	
Documentação produzida (quantidade)	
Mapa com sítio plotado: 2	Foto preto e branco: 0
Croqui: 0	Reprografia de imagem: 0
Planta baixa do sítio: 1	Imagem de satélite: 0
Planta baixa dos locais afetados: 0	Cópia total de arte rupestre: 0
Planta baixa de estruturas: 0	Cópia parcial de arte rupestre: 0
Perfil estratigráfico: 1	Ilustração do material: 0
Perfil topográfico: 1	Caderneta de campo: 0
Foto aérea: 0	Video / Filme: 0
Foto colorida: 0	Outra: 0
Bibliografia	
Salvamento Arqueológico de Xingó. Relatório Final, UFS/CHESF, Xingó, 1998, 284 p., il.	
O Salvamento Arqueológico de Xingó, Cadernos de Arqueologia, Série Documento, nº 01, PAX, Aracaju, 1997, 15 p., il.	
Sítios Arqueológicos a Montante da UHE de Xingó, Cadernos de Arqueologia, Série Documento, nº 02, PAX, Aracaju, 1997, 43 p., il.	
VERGNE, Maria Cleonice S. Enterramentos em Dois Sítios Arqueológicos em Xingó, Cadernos de Arqueologia, Série Documento, nº 07, PAX, Aracaju, 1997, 24 p., il.	
Responsável pelo preenchimento da ficha:	
Data: 08/05/2000	Localização dos dados:
Atualizações:	

Figura 1 - Bibliografia posta na ficha de Cadastro do sítio arqueológico Justino, em Canindé de São Francisco, SE. Foto: Maria Luzia Martins.

6.2 Bibliografias Digitalizadas

Antes de ir ao Museu, através de colegas de profissão - Camila Cavalcante e Henrique Pozzi -, consegui acesso aos treze (13) cadernos de arqueologias, além do relatório final das escavações, do livro do Fernando Lins sobre os sítios de registros gráficos localizados no município de Paulo Afonso e um outro sobre os problemas socioambientais.

Explicarei essas bibliografias na tabela a seguir:

Tabela 1 - Texto, Referência e resumo das bibliografias disponibilizadas e digitalizadas por Camila Cavalcanti e pelo Henrique Pozzi, em 2024. Fonte: Maria Luzia Martins.

TEXTO	REFERÊNCIA	RESUMO
O Salvamento Arqueológico de Xingó (1997), DOCUMENTO 1.	Vergne, M. C. de S.; Nascimento, A. C. do; Martins, A. F.; O SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 1. 1997	Resume as atividades realizadas durante as primeiras etapas do processo de salvamento do PAX, além de descrever as áreas que abrange o salvamento, os sítios encontrados nos três estados, levando em consideração todo o contexto ambiental (resumidamente, claro). Especifica as atividades realizadas no Justino e no São José e os procedimentos adotadas frente à prospecção, sondagem, escavação e catalogação do material.
Sítios Arqueológicos a Montante da UHE de Xingó (1997), DOCUMENTO 2.	Vergne, M. C. de S.; Nascimento, A. C. do; Sítios arqueológicos a Montante da UHE de Xingó. Cadernos de	Possui mapas/croquis das áreas onde os sítios estavam inseridos, e o detalhamento de cada sítio conforme as atividades foram feitas, e uma tabela contendo a quantidade de vestígios encontrados

	Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 2. 1997.	nos sítios. São 28 sítios (permanência temporária ou semi temporária), incluindo região de Alagoas e Sergipe, 11 sítios de ocupação prolongada (Alagoas e Sergipe) e 15 sítios de registro gráfico (Alagoas e Sergipe)
Análise Preliminar de Algumas Indústrias Líticas Lascadas Recuperadas em Xingó (1997) DOCUMENTO 3	Fogaça, E.. Análise Preliminar de Algumas Indústrias Líticas Lascadas Recuperadas em Xingó. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 3. 1997	O texto apresenta as caracterizações do sítio Justino I referente ao material lítico, onde foi apresentada a forma e a origem do material encontrado In Situ além de apresentar a quantidade de material encontrado levando em consideração a matéria prima de cada instrumento. Logo após houve a criação de hipóteses sobre as técnicas de fabricação dos instrumentos, de como obtiveram a matéria prima até a criação de uma cadeia operatória explicando essas hipóteses (indústria unipolar); enquanto a indústria bipolar estaria relacionada, majoritariamente, aos fragmentos de quartzitos, o que já se caracteriza em duas novas hipóteses; O autor propõe prosseguimentos para se estudar as hipóteses; A partir da página 27 há ilustrações das peças estudadas, além de descrever as peças.
Estudos Sedimentológicos a Montante da UHE de Xingó (1997) DOCUMENTO 4 / Relatório de “Assessoria Técnica realizada em janeiro de 1995”	Dominguez, J. M. L.; Brichta, A. estudos Sedimentológicos a Montante da UHE de Xingó. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 4. 1997	O texto descreve as metodologias realizadas no solo ao longo do das margens do Rio São Francisco, apresenta os trabalhos de laboratório (análises granulométricas dos sedimentos), apresenta os resultados dessas análises, onde começa dando um breve resumo da formação do Velho Chico, passando para um determinado “Canyon” explicando as características dele, creio que esse determinado “Canyon” se trata do próximo ao sítio Justino, segue para a interpretação dos resultados onde explica mais detalhadamente o que ocorria no curso do rio, as enchentes de até 25m que poderiam influenciar na saída temporária dos habitantes da região e a criação após a seca de novas camadas sedimentológicas de até 70cm que encobriram as habitações anteriores. Na conclusão apresenta os riscos que essas populações sofreram com esse aumento temporário do rio e explica que novas interpretações serão mais explicativas após o restante dos resultados.
Sítios Arqueológicos entre a UHE de Xingó e Pão de Açúcar (1997) DOCUMENTO 5	VERGNE, M. C. S.; Sítios Arqueológicos entre a UHE de Xingó e Pão de Açúcar. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 5. 1997	As metodologias feitas no levantamento dos sítios arqueológicos na região da usina e do pão de açúcar, além de ter no final as fichas de cada sítio, tem dados superficiais, mas eficientes como o nome do sítio, estado, município, nome da propriedade método utilizado na pesquisa, descrição do sítio, vegetação, água mais próxima, tipo de cultivo atual, pesquisas anteriores, possibilidade de destruição e material em superfície, é como se fosse uma ficha do CNSA só que com menos detalhes e sem coordenadas.
O Homem dos Terraços de Xingó (1997) DOCUMENTO 6	Ab’ Sáber, A. N.; O Homem dos Terraços de Xingó. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto	O texto se trata de uma descrição da formação geológica do Rio São Francisco, levando apontamentos e considerações das estruturas geomorfológicas do rio. Em um determinado momento tenta explicar como isso influenciou nas

	Arqueológico de Xingó. Documento 6. 1997.	escolhas dos povos pré-históricos por determinadas regiões, não fala de um sítio específico, entretanto apresenta a localização, mesmo que só dita a que lado do rio ele se encontra, do sítio Jerimum, mas não é nada muito informativo.
Enterramentos em Dois Sítios Arqueológicos em Xingó (1997) DOCUMENTO 7	Vergne, M. C de S.; Enterramentos em dois sítios arqueológicos em Xingó. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 7. 1997	O texto se trata de uma análise breve dos indivíduos encontrados no Justino (lado Sergipe) e do São José (lado alagoano), há uma descrição de alguns indivíduos específicos, e estudo de caso de dois em específico. Além de apresentar um breve resumo do relatório De assessoria técnica da Olívia.
Nota Sobre a Ocupação Histórica do Baixo São Francisco (1997) DOCUMENTO 8	Alves, F. J.; Nota sobre a ocupação Histórica do Baixo São Francisco. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 8. 1997	O primeiro momento do texto apresenta a ocupação colonização no Baixo São Francisco, apresentando trecho de cartilhas onde estão a localização do Velho Rio por diferentes perspectivas. A segunda parte se trata do contexto histórico da cidade de Propriá.
Arte Rupestre em Xingó (1997) DOCUMENTO 9	Silva, S. G. A. da; Arte Rupestre em Xingó. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 9. 1997	O texto apresenta uma breve introdução sobre os sítios rupestres no Nordeste, logo após apresenta a metodologia realizada no levantamento das pesquisas arqueológicas sobre os sítios rupestres, eles explicam o tipo de grafismos e associações temáticas. Começam a propor uma contextualização dentro dos registros arqueológicos, mas não houve. Assim como a ausência de uma tradição para relacionar tradições para cerâmica e lítico, há uma ausência de tradição para as pinturas rupestres também e é o que é descrito ao longo do texto, ela tenta encaixar na tradição nordeste, mas muda de ideia e sugere uma avaliação mais aprofundada de um sítio em específico (Letreiro) para uma tentativa de uma nova tradição no meio das pinturas rupestres em Xingó. Depois a autora vai descrever os sítios de Alagoas e de Sergipe, o que nos importa são os 4 de Sergipe que foram descritos. Na conclusão, sugere a análise mais aprofundada do Letreiro, a mesma dita acima, e a ideia de datações diretas nas imagens. E, ela apresenta croquis das pinturas rupestres ao final do texto, logo após as bibliografias.

<p>Indústrias Líticas da Área Arqueológica de Xingó (1997) DOCUMENTO 10</p>	<p>Cisneiros, D.; Jerônimo, O.; Indústrias Líticas da Área Arqueológica de Xingó. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 10. 1997</p>	<p>Possui uma coordenada UTM do eixo da barragem da UHE 8936172 / 632040 e 8950000/603000, onde marcam a divisão do estado de Sergipe e Alagoas. O texto vem para explicar o tipo de indústria lítica que predomina nos sítios da região de Xingó, onde explica características dos vestígios encontrados, apresenta as datações encontradas no Justino, desassociado da Tradição Itaparica pela falta de semelhança nos líticos. Entretanto, faltam duas folhas creio que essas folhas que faltam possam explicar mais detalhadamente os sítios que</p>
--	--	--

		não explicaram na tabela individual ou podem explicar sobre o tipo de material encontrado.
Restos Alimentares Faunísticos na Área de Xingó (1997). DOCUMENTO 11	Palmeira, J. A. V.; Restos Alimentares Faunísticos na Área de Xingó. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 11. 1997.	Não foram descritos os materiais encontrados em sítios individualizados, mas de um contexto geral, começando pelas metodologias (Trabalho de campo, laboratório identificação), os resultados (tipos de material encontrado, classificações individuais- peixes, anfíbios, répteis, aves, mamíferos), quantidade de materiais, a natureza do material encontrado e o filo dos animais (nessa parte não há muita informação pois é explicado que na época uma bióloga estava fazendo essas pesquisas –Cristina Cerqueira Silva Santana), e a conclusão (apresenta a quantidade de peças, os sítios mais importantes com conjuntos faunísticos - Justino e Curitiba-, hipóteses sobre os hábitos alimentares, ou seja, sobre o homem do São Francisco) e recomendações para as atividades posteriores. Há anexos dos sítios apresentados na página 05, nesses anexos há uma descrição das peças no momento da identificação, ps: não estão todos, são somente alguns exemplos.
Os Grupos Ceramistas do Baixo São Francisco: Primeiros Resultados (1997) DOCUMENTO 12	Luna, S.; Nascimento, A.. Os Grupos Ceramistas do Baixo São Francisco: Primeiros Resultados. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 12. 1997.	O texto apresenta, no primeiro momento, as duas tradições presentes no contexto cerâmico arqueológico do Nordeste (aratu e a tupi-guarani), depois a metodologia realizada nas análises cerâmicas do contexto dos sítios em Xingó, os elementos característicos em cada unidade, houve outros tipos de procedimentos como a montagem dos fragmentos cerâmicos. Depois apresentaram as cerâmicas de Xingó, onde apresentaram datação, e as primeiras tabelas das análises do material cerâmico, seguiram para as observações sobre a codificação das tabelas, e uma descrição mais explicativa do tipo cerâmico encontrado no sítio Justino I, além de uma associação a tradição Tupi Guarani. Uma percepção individual, é de que estavam tentando desvincular a tradição desses sítios das duas descritas, mas não seria uma tentativa de se criar uma nova, mas como uma crítica às metodologias do prona em relação às tradições cerâmicas nordestinas. É apresentado imagens das cerâmicas do Justino I, mas estão em preto e branco e em péssima qualidade.

<p>O Povoamento Pré-Histórico do Vale do São Francisco (1998) DOCUMENTO 13</p>	<p>Martin, G. O povoamento Pré-Histórico do Vale do São Francisco. Cadernos de Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 13. 1998.</p>	<p>O texto se trata de um levantamento das atividades arqueológicas realizadas no Vale do São Francisco, onde apresenta os contextos arqueológicos de projetos de salvamento arqueológicos em Pernambuco e Bahia, principalmente, além de descrever as tradições mais comuns na região. E há uma abordagem sobre o período neolítico, onde explica a agricultura e a cerâmica e as suas relações ou não relações, onde uma não, necessariamente depende da outra. A parte que fala sobre o Justino é no início e está na parte do “O projeto Xingó de Salvamento Arqueológico”, é o único sítio sergipano abordado, e isso devido a grande quantidade vestígios funerários e cerâmicos, e ressaltam o Documento 12, de ser uma tradição cerâmica além das já associadas (Aratu e Tupi-Guarani)</p>
<p>Sítios de Registro Gráficos de Lagoa das Pedras, Malhada Grande e Mundo Novo (2000)</p>	<p>de Carvalho, Fernando Lins. Revisitando sítios de registros gráficos:(uma leitura antropológica). MAX, Museu de Arqueologia de Xingó, 2000.</p>	<p>Pesquisas entre maio de 1988 e abril de 1997. 04 sítios rupestres em Sergipe/ 1999 retornam as pesquisas e 130 novos sítios são encontrados. Metodologia utilizadas: levantamento bibliográfico; estudos por foto aerofotogramétricas, mapas físicos e geomorfológicos e cartas topográficas; identificados sítios novos em abrigos e matacões que possuíam pinturas e/ou gravuras (pelas prospecções ao longo dos riachos, do platô e informações orais), pela presença de vestígios em superfície... Prospecção: análise de mapas e fotografias, utilização de barco para percorrer o rio SF até a foz dos riachos, caminhadas pelos riachos e platô... A hipótese de que esses grupos possuíam estilos artísticos e culturais diferentes das demais áreas nordestinas, ou seja, uma nova tradição existente. Oito sítios em Sergipe, parte 6 do doc.</p>
<p>Reflexões Sobre as Técnicas de Confeções dos Artefatos Líticos do Sítio Justino, Canindé de São Francisco-SE (2001) CANINDÉ (REVISTA, N° 1)</p>	<p>Silva, J. C.; Vergne, C.; Pozzi, H. A.. Reflexões Sobre as Técnicas de Confeções dos Artefatos Líticos do Sítio Justino, Canindé de São Francisco-SE. Revista Canindé, Xingó, n° 1, dezembro de 2001. P. 117- 128</p>	<p>Explica de uma forma mais abrangente o material lítico do sítio Justino (usar no texto do relatório). Surgimento de uma tradição nova?desvincular de vez da Itaparica, é sugerido que essa desassociação existe pela falta de matéria primas que auxiliasse os artesãos do Justino a confeccionarem artefatos a quantidade de material encontrados.</p>

<p>O Projeto Arqueológico de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco</p>	<p>Diniz, J. A. F.. O Projeto Arqueológico de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS PAX, Edição Comemorativa, 1998.</p> <p>Diniz, J. A. F.. O Projeto Arqueológico de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS. PAX. 2º Edição Revista Atualizada de Xingó (MAX), 2000.</p>	<p>“As sondagens e escavações levadas através foram a efeito foram plenamente escavados através de quadrículas de PAX, Edição Comemorativa, 1998. Diniz, J. A. F.. O Projeto Arqueológico possui níveis artificiais, predominantemente com 20cm cada um. Todas as escavações foram feitas até o embasamento rochoso, geralmente de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS. PAX. 2º Edição Revista em paralelas trincheiras perpendiculares e ao rio. Os sítios São José e Justino Atualizada. Museu de Arqueologia de Xingó (MAX). 2000. de 5m x 5m.” (Diniz, 1998) O texto não está tratando de um sítio em específico, mas de todo o contexto dos sítios arqueológicos e do geomorfológico. Possui mapa da região arqueológica do baixo são Francisco, tem bastante imagem (escavação e uma quadrícula do Justino e uma vista panorâmica; Conjunto cerâmico do sítio Justino; novo horizonte cerâmico, sem tradições a serem associados; datação; descrição do tipo de decoração plástica e</p>
--	--	--

		<p>pintada, aditivos/anti plásticos, métodos de manufatura, queima. Conjunto lítico tratado como um todo e não em sítio específico, representando a tradição Xingó; Pinturas rupestres como um todo, levando em consideração as comparações entre tradições para se encaixar em uma e mesmo assim não houve parâmetros para concluir, restando apenas suposições e criações de novas hipóteses. Sítio Letreiro: representações gráficas; temas presentes; pinturas; Restos faunísticos: contexto geral dos sítios, condições de como o material foi encontrado, o tipo de alimentação levando em consideração a sazonalidade para a quantidade de material, grande quantidade de mamífero e peixes levam a considerar que esses grupos humanos eram eminentes caçadores; esses vestígios estavam presentes, também em ornamentos (colares e pulseiras e objetos pessoais e adornos); Enterramentos: no Justino foram encontrados logo nos primeiros níveis (recentes), foram encontrados 163 esqueletos no sítio Justino, compostos por vários pisos de ocupação, de datações entre 1.280BP ou 8.950 BP, os enterramentos indicaram uma mesma ritualidade, eram sepultamento primários (em posição fetal, decúbito dorsal, lateral direito ou esquerdo), e os secundários. Mobiliário mortuário composto por líticos lascados ou polidos, cerâmica completa ou fragmentada com decorações ou sem adornos em ossos, mineral, ocre, pilão, pequenas placas de gravuras, fogueiras, estruturadas ou não, e os restos alimentares. Sobre as posições em que os crânios foram encontrados é que estavam orientados pelo sul, sudeste e sudoeste (96/58% dos enterramentos)</p>
--	--	---

A Arqueologia na Ótica Patrimonial: Uma Proposta para ser Discutida Pelos Arqueólogos Brasileiros. (2001)	Fortuna, C. A., Pozzi, H. A., & Duarte Cândido, M. M. (2001). A Arqueologia na ótica patrimonial: uma proposta para ser discutida pelos arqueólogos brasileiros. <i>Canindé</i> , 1(1).	Trata sobre questões e problemáticas no meio da arqueologia de contrato.
Notas Etno Históricas do Baixo São Francisco. Texto 1. 1997.	OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. Notas etno-históricas do Baixo São Francisco: texto 1. 1997.	Esse texto faz o levantamento etno-histórico da região do Baixo São Francisco, foi o primeiro texto escrito, abrindo o lançamento dos 13 cadernos de arqueologia.

6.3 Acervo Documental do Museu de Arqueologia de Xingó

A pesquisa documental *in loco* aconteceu entre os dias cinco (05) e oito (08) de maio de dois mil e vinte e cinco (2025), no Museu de Arqueologia de Xingó, juntamente com duas colegas estudantes em arqueologia, Manuela Moreira e Joyce Marques.

No primeiro momento, conversamos com o diretor do museu, Edimarques Almeida, explicando o propósito do trabalho. Ao final da conversa, fomos direcionadas à Reserva Técnica, posteriormente, à sala de documentação. Ele mostrou as condições em que o material se encontrava, explicou que não existiam cadernos de campo e que o que existia estava nos armários e nas gavetas. Explicou que poderíamos acessar o material a vontade, e nos deixou na reserva para podermos realizar as pesquisas.

Como o principal objetivo era identificar toda a Documentação Arqueológica relacionada ao PAX, sem restringir a pesquisa a nenhum material específico, nos preparamos para investigar de forma ampla, observando o ambiente da sala, nos situando e, então, iniciando as buscas. Por isso, neste tópico, descreverei como se deram as pesquisas ao longo dos cinco dias em que estivemos no museu, explicando, no decorrer do texto, a mudança de metodologia adotada para tornar o processo mais ágil e eficiente.

6.3.1 Autogestão da Reserva Técnica

A função de uma Reserva Técnica é garantir que os vestígios arqueológicos sejam conservados em condições adequadas, tendo sua temperatura, sua umidade e sua iluminação devidamente controlada, protegendo o acervo de deterioração. Além disso, permite com que os materiais resgatados fiquem organizados por local de origem, tipo, cronologia, o que ajuda em futuras pesquisas, análises e exposições. Salvaguarda do patrimônio é um ato seguro para guardar o patrimônio arqueológico, que por muitas das vezes não pode ser exposto ao público. Por isso, apresentamos, primeiramente, o que encontramos no MAX sobre sua política de autogestão de

acervos.

Atualmente, há a Portaria N°. 196, de 18 de Maio de 2016 do IPHAN, a qual “Dispõe sobre a conservação de bens arqueológicos móveis, cria o Cadastro Nacional de Instituições de Guarda e Pesquisa, o Termo de Recebimento de Coleções Arqueológicas e a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel.”², ela é a principal normativa que trata das Reservas Técnicas na arqueologia. Os pontos principais desta portaria são o Cadastro Nacional de Instituição de Guarda e Pesquisa (CNIGP), que credencia as instituições ditas aptas para conservar e receber acervos arqueológicos, o termo obrigatório para o recebimento de coleções arqueológicas, documento obrigatório para formalizar a transferências de bens arqueológicos para as instituições; a Ficha de Cadastro de Bem Arqueológico Móvel, a qual explica a necessidade de catalogar cada item detalhadamente do acervo; diretrizes para infraestrutura da reserva, que detalha os mínimos requisitos que se deve ter em uma reserva, sendo a temperatura, umidade e iluminação, segurança e o acesso restrito.

Até 2014, não havia um plano de gestão do acervo do Museu. Entre esse ano e 2016, identificamos os seguintes documentos, certamente resultado das adequações e cuidados necessários aos acervos e reserva técnica.

1. *Relatório Preliminar das condições do Material Arqueológico e Documental da Unidade Museológica do Museu de Arqueologia de Xingó* (2014). Com o diretor sendo o Prof. Dr. Gilson Rambelli, o coordenador de pesquisa sendo o Prof. Dr. José Roberto Pellini; como arqueólogos a Elaine Alves de Santana, José Edimarques Reis Almeida e Paulo Alexandre Souza Viana e a Museóloga Thais Vaz Sampaio de Almeida.
2. *Relatório Técnico* (2014). Pelos arqueólogos Elaine Alves de Santana, José Edimarques Reis Almeida e Paulo Alexandre Souza Viana e a museóloga Thais Vaz Sampaio de Almeida.
3. *3º Relatório Técnico das condições do Material Arqueológico e Documental da Unidade Museológica do MAX* (2015). Com o diretor sendo o Prof. Dr. Gilson Rambelli, o coordenador de pesquisa sendo o Prof. Dr. José Roberto Pellini; como arqueólogos a Elaine Alves de Santana, José Edimarques Reis Almeida e Paulo Alexandre Souza Viana e a Museóloga Thais Vaz Sampaio de Almeida.

² http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Portaria_Iphan_196_de_18_de_mairo_2016.pdf. Acesso em 15 de Maio de 2025, às 01:42.

4. *Relatório de Acompanhamento* (2016). Por José Edimarques Reis Almeida, arqueólogo.
5. *Relatório de Acompanhamento* (2016). Por Thais Vaz Sampaio de Almeida, museóloga.
6. *Relatório Técnico* (2016). Por Elaine Alves de Santana, arqueóloga.

A Reserva Técnica do MAX era o foco principal da pesquisa, cujo intuito era entender como funcionava a gestão do acervo documental produzido durante o PAX e acervos documentais oriundos de endossos institucionais, juntamente com os vestígios materiais arqueológicos. Ela possui uma sala destinada a cada tipo vestígio, e uma específica para o acervo documental (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4, Figura 5, Figura 6 e Figura 7).



Figura 2 – Ar Condicionado e umidificador para controle ambiental. Foto: Maria Luzia Martins



Figura 3 - Mesa utilizada para análise da documentação. Foto: Maria Luzia Martins



Figura 4 - Gavetas com documentação do PAX e outros empreendimentos. Foto: Maria Luzia Martins

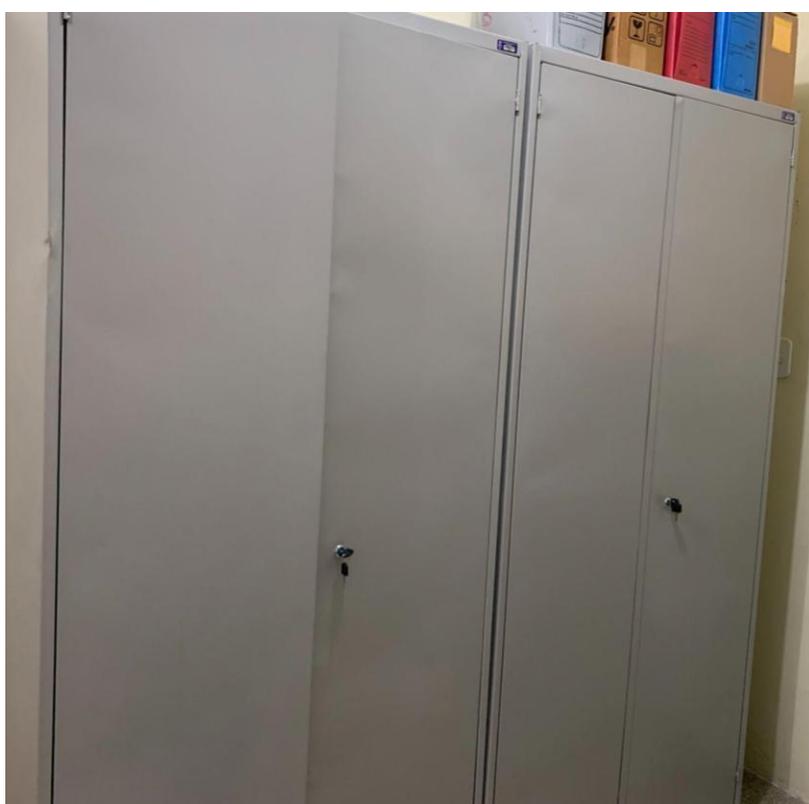


Figura 5 - Armários onde se encontram os livros e alguns croquis de sítios de registos rupestres. Fonte: Maria Luzia Martins



Figura 6 - Algumas fotografias, luvas e equipamento para rodar cds. Foto: Maria Luzia Martins



Figura 7 - Caixas com documentação (não analisadas). Foto: Maria Luzia Martins



Figura 8 – Mapoteca onde estão a maior parte dos croquis, mapas e fichas analisadas sobre o PAX e uma balança de precisão utilizada na época. Foto: Maria Luzia Martins.

A atual gestão do museu, mantém a documentação bem conservada, com melhorias em relação às primeiras instalações, controle de ambiental, mobiliário para organização (e ordenamento de fácil compreensão) e trabalho com documentação. Nossa experiência com três pesquisadoras compartilhando a sala, ao mesmo tempo, foi adequada. Prévia a nossa ida ao Museu, imaginávamos que os poucos documentos que houvessem estariam em parco estado de conservação.

6.3.2 Fotografias

Ao chegarmos na sala de documentação, tinha-se a impressão de que a quantidade de documentos era insuficiente para a pesquisa, mas observou-se uma grande quantidade de vestígios documentais, dos quais não sabíamos da existência: havia muito croqui de decapagem, fichas taquiométricas, etc.

A primeira remessa de documentação estudada nesse primeiro dia, foi a das fotografias do sítio Jerimum/SE e sítio São José I e São José II/AL, pois foram disponibilizadas pelo

administrador do museu, ele explicou que essas eram as únicas fotografias com identificação de sítio, por isso só tinha desses dois sítios.

- Fichas de Levantamento Técnico do Sítio Arqueológico Jerimum: Ao todo foram preenchidas 22 fichas pertencentes a este sítio, as quais totalizam 132 fotografias analisadas; em relação a conservação elas apresentam em bom estado. Essas fotografias foram entregues pela administração, onde atualmente estão conservadas em sacos zip-lock, com identificação de qual sítio pertencem. Existe ao fundo de cada fotografia analisada ou uma numeração ou uma descrição básica do que se trata a foto e o ano em que elas foram tiradas, entre 2000-2001.
- Fichas de Levantamento Técnico do Sítio Arqueológico São José I e São José II: Ao todo foram preenchidas 21 fichas pertencentes ao sítio, as quais totalizam 249 fotografias analisadas, não havia identificações formais de quais eram do Sítio São José I ou quais eram do São José II; em relação à conservação elas apresentam em bom estado. Essas fotografias foram entregues pela administração, onde atualmente estão conservadas em sacos zip-lock, com identificação de qual sítio elas pertencem. Existe ao fundo de cada fotografia analisada ou uma numeração ou uma descrição básica do que se trata a foto e o ano em que elas foram tiradas, entre 1998-1999.

Nesse primeiro dia, por conta do tempo, só conseguimos analisar as fotografias e preencher essas fichas (como mostrado nas figuras acima), entretanto, foi possível observar a documentação que seria analisada nos dias seguintes.

6.3.3 Gavetas de 1 até a 10

Ao início da consulta às gavetas, preenchemos 19 fichas cadastrais equivalente a Gaveta 1, no entanto, sentimos a necessidade de alterar nossa estratégia. Notamos que a quantidade de documentos era maior do que se imaginava e o tempo se tornou curto demais para a análise detalhada que as fichas requeriam. Posto esta restrição, decidiu-se por uma nova avaliação e consequente mudança na metodologia de trabalho, sempre priorizando a organização, tempo e aprofundamento da análise.

Desta primeira abordagem, a Tabela 2 revela, resumidamente, as fichas que foram preenchidas, e ainda uma visão geral da documentação arqueológica presente na Gaveta 1, com

a tipologia dos materiais, como estão, de onde vêm e anotações que foram consideradas importantes.

Tabela 2 - Descrição das fichas preenchidas de Levantamento Técnico antes da mudança de metodologia. Gaveta 01. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data de Produção	Estado de conservação	Quantidade
Plotação de Vestígios do sítio Saco da Onça I-SE (Croqui)	Dec. 02: cerâmica, lítico, sedimento e mancha (escura, cinza); Dec. 04: cerâmica; Dec. 06: cerâmica; Área de 105 m ²	-	1997	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis e marca de fita adesiva	3
Plotação de Vestígios do sítio Dos Tanques-SE (Croqui)	Dec 9/10, quadra F4/F5; G3/G5 fogueira 5 1,72m x 1,37; Decapagem 01 - fogueira 2: Quadra J4/M4, J5/M5 (1,22 X 0,67 cm); Decapagem 09 – Quadra Dc5: FOGUEIRA 4 (0,73 x 0,74 cm); Fase 3- quadra G14/G15: fogueira 3 (0,79 x 0,68cm); Dec 01: cerâmica, restos ósseos, fogueira (01 e 02) e sedimento; Dec 02: cerâmica, sedimento, mancha, carvão e lítico; Dec 3: mancha, esqueletos, fogueira (01 e 03), carvão, lítico, sedimento e cerâmica; Dec 4: cerâmica e mancha escura; Dec 5: sedimento e mancha (vermelha e cinza); Dec 6: só blocos, cerâmica e sedimento; Dec 7: mancha escura; Dec 8: lítico e cerâmica; Dec 9: cerâmica, sedimento, lítico, restos ósseos, fogueira (04 e 05), carvão e mancha (escura); Dec 10: sedimento e cerâmica; Dec 11: cerâmica; área: 99,00 m ²	-	1994	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis e marca de fita adesiva	15

Plotação de Vestígios do sítio Sítio Curitiba II-SE (Croqui)	Decapagem 03: lítico e cerâmica; Decapagem 05: lítico; Decapagem 06: lítico; escala: 1:50; área: 117 m ²	-	1994	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis e marca de fita adesiva	3
Plotação de Vestígios do Sítio Vitória Régia I-SE (Croqui)	Dec. 01: restos ósseos, lítico, sedimentos e cerâmica (Obs.: material em estado bem rasgado); Dec 04: mancha (escura), cerâmica, lítico, restos ósseos, fogueiras (01 e 02) e sedimentos;; Dec 07: ósseo, lítico, sedimento, cerâmica, mancha (avermelhada e escura); Área: 189m ²	1:50	1998	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques), borracha derretida, e mancha não identificada, possivelmente café.	3
Plotação de Vestígios do Sítio Vitória Régia III-SE (Croqui)	Dec 3: cerâmica; Dec 6: lítico Obs. Geral: das duas trincheiras 18 não foram escavadas	-	1994 e 1997	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis e marca de fita adesiva	2
Plotação de Vestígios do Sítio Vitória Régia II-SE (Croqui)	Dec.1: mancha (escura), sedimento e cerâmica; Dec 2: cerâmica, lítico e mancha (escura); Dec 3: carvão, mancha (cinza e escura), restos ósseos, lítico, sedimento, cerâmica, fogueira (1); Dec 4: Fogueira (02), mancha (cinza), cerâmica, lítico e restos ósseos; Dec 5: cerâmica, lítico, sedimento, carvão, mancha (escura e cinza	-	1997	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida.	7

Plantas, Vistas e Detalhe – Riacho Talhado; (seção ponto – 15 E – 102 + 1,233 Localização de sítios de Registro	A planta baixa se trata do levantamento ao redor do riacho talhada, onde tem as coordenadas, riacho seco, riacho bom Jesus, vista lateral da ponta sobre o bom Jesus; detalhe I (vista da ponte de cima); vista lateral da ponte sobre o riacho	1:4000	1999	Rasgos e desbotamento.	4
---	---	--------	------	------------------------	---

Gráficos, Delmiro Gouveia -AL	seco; caminho por 8 sítios de registro rupestre; vista lateral da ponte da antiga linha do trem vista lateral antiga linha do trem e; planta de localização entre os estados de sergipe, bahia e alagoas; Vista de dez sítios de registro gráfico e uma ponte; Vista de 3 sítios de registros rupestres;				
Plotação de Vestígios; SEÇÃO E-5	Perspectiva 1; 2 e 3 do local, é de um sítio presente no município de Poço Redondo, em Sergipe	1:1000	1999	Rasgos, desbotamento e marcas de lápis.	1
sítio Mulungu – BA (sax – N°06), Plotação de Vestígios e Levantamento plani-altimétrico (Curva de nível)	Todas elas possuem, no levantamento plani-altimétrico é da decapagem 1,4 e 6	1:50	1996	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis e marca de fita adesiva.	3

<p>Plotação de Vestígios e Curva de Nível, Sítio Xingó-AL</p>	<p>Decapagem 02: lítico, sedimento, carvão/fogueira 01 com 1,80; Decapagem 03: fogueira 02: com manchas escuras vermelhas e fog.01: legenda: mancha, esqueleto, fogueira, carvões e líticos; Decapagem 04: legenda: sedimento, carvão, resto alimentar, fogueira 02, com mancha escura avermelhada; Decapagem 05: fogueira 02 manchas escuras avermelhadas; Decapagem 06: legenda: sedimento, cerâmica, carvão e fogueira 02; Decapagem 07: sedimento, carvão e fogueira 02, mancha escura avermelhada;</p>	<p>1:50</p>	<p>1994</p>	<p>Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis, presença de aranha(morta) e marca de fita adesiva.</p>	<p>7</p>
	<p>Curva de nível II: levantamento planialtimétrico; área de 53,55m²</p>				
<p>Curva de Nível (Levantamento Plani- altimétrico) e Plotação dos vestígios do sítio Sergipe-SE</p>	<p>Decapagem 01: sedimentos, cerâmica e carvão; Decapagem 02: cerâmica e sedimento; Decapagem 11 : cerâmica, lítico e sedimentos; Decapagem 13: lítico e sedimento;</p>	<p>1:50</p>	<p>1994-1996</p>	<p>Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis e marca de fita adesiva.</p>	<p>5</p>

Plotação de Vestígios do Sítio Topo-SE (Croqui)	Decapagem 01: cerâmica e lítico; Decapagem 2: cerâmica, lítico e sedimento; Decapagem 3: cerâmica, lítico e sedimento; Decapagem 4: cerâmica, lítico e sedimento; Decapagem 5: cerâmica, lítico e sedimento; Decapagem 6: cerâmica lítico e sedimento; Decapagem 7: cerâmica, lítico e sedimento; Decapagem 8: cerâmica, lítico, sedimento e ocre; Decapagem 9: lítico, cerâmica, sedimento e resto ósseo; Decapagem 10: lítico, restos ósseos e sedimento; Decapagem 11: cerâmica lítico e sedimento; Decapagem 12: lítico, restos ossos, sedimento, carvão; Decapagem 13: lítico, sedimento e restos ósseos; Decapagem 14: sedimento e lítico; Decapagem 15: lítico e sedimento	-	1998	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques),borracha derretida, marca de lápis e marca de fita adesiva.	15
Plotação de Vestígios do Sítio Porto Belo XI-SE	Decapagem 2: cerâmica, sedimento e lítico; Decapagem 04: carvão, sedimento, cerâmica e mancha	-	1998	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques) e marca de tinta vermelha, lápis, borracha derretida	2

--	--	--	--	--	--

Plotação de Vestígios do Sítio Porto Belo II-SE	Decapagem 01: lítico, sedimento, fogueira, mancha e cerâmica; DEC1-Quadra jl 26: fogueira 1 (0,73 x 0,76); Escala: 1.5; Decapagem 02, Quadra lm: fogueira 2: 0,83 cm x 1,10 cm) Escala 1,5; Decapagem 3: manchas, esqueletos, fogueira, carvão, restos ósseos, lítico, sedimento, cerâmica; Decapagem 4: cerâmica, sedimento e mancha; Decapagem 05: cerâmica, sedimento lítico e carvão; Decapagem 06: lítico, cerâmica, restos ósseos e manchas. Área 186 m ²	1:50	1994	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques) e marca de tinta vermelha, lápis, borracha derretida e fita adesiva.	7
Plotação de Vestígios do Sítio Porto Belo I-SE	Decapagem 01: cerâmica, sedimento; Decapagem/2 quadra G1: fogueira 2 (0,71 cm x 0,75cm); Decapagem 01: Quadra TU ½ fogueira 1 (0,65 cm x 0,70); Decapagem : lítico, cerâmica e restos ósseos; Decapagem 05: lítico e cerâmica; Decapagem 09: cerâmica, restos ósseos, lítico e manchas; Área: 60m ²	1:50	1994;1997;1998	Possui Rasgos, Desbotamento, rachaduras, ferrugens (grampos e cliques) e marca de tinta vermelha, lápis, borracha derretida e fita adesiva e amassado	6
				Total de Itens da 1° Gaveta =	83 arquivos documentais

Em seguida, decidiu-se abandonar as fichas e registrar as informações de forma mais sucinta, focando apenas nos dados essenciais para qualificar e quantificar a documentação arqueológica. Essa mudança permitiu maior agilidade sem comprometer a integridade das informações. Paralelamente, considerando o estado de conservação do espaço e como forma de colaboração com a equipe da Reserva Técnica, decidiu-se também organizar os documentos e realizar a limpeza das gavetas, que se encontravam desorganizadas e com acúmulo de sujeira (Figuras x). Essa ação foi pensada não apenas como uma estratégia de apoio à logística do trabalho, mas também como um gesto de agradecimento ao Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) pela disponibilidade do acervo e do espaço de trabalho. A nova metodologia passou,

então, a incluir três frentes de atuação simultâneas: uma integrante da equipe ficou responsável pela digitação das informações, outra pela descrição dos materiais arqueológicos e a terceira pela organização e limpeza das gavetas. Essa estratégia foi implementada a partir da análise da Gaveta 2. A Tabela 3 apresenta as documentações encontradas nesta gaveta, contendo a tipologia dos materiais, seu estado de conservação, procedência e observações consideradas relevantes durante o processo.



Figura 9 - Gavetas desorganizadas e sendo organizadas no meio da pesquisa. Foto: Manuela Moreira.



Figura 10 - Restos de borrachas grudadas no fundo das gavetas. Foto: Manuela Moreira.



Figura 11 - Restos de fezes de animais não identificados no meio das gavetas. Foto: Manuela Moreira.

Tabela 3 - Documentação analisada da Gaveta 2. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de conservação	Quantidade
Mapas (Croqui)	Localização dos sítios arqueológicos a céu aberto e registro gráfico Bahia, Alagoas e Sergipe. Colorido e preto e branco. Mapa indicando 3 sítios de Terraço (Sítio São José II e Jerimum); colorido e feito em cartolina.	1:50000 1:100000	1999	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material (Figura 12).	4

Planta Baixa (Croqui)	Caminhamento pelo riacho seco, pelo riacho do talhado, bom Jesus, afluente do talhado e antiga linha do trem. Caminhamento pelo riacho picos	1:200	1999	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	2
-----------------------	---	-------	------	--	---

	(Canindé de São Francisco) coloridos				
Decalque (Croqui)	Caminhamento pela jusante, seção ponto – 15= E-102+1,223	1:200 / 1:4000	S.D	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	1
Plotação de Vestígio	Decapagem 3 do Sítio Lamarão, Alagoas. Área do sítio 48,00 m ²	-	1994	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	1
Plotação de Vestígio	Sítio Fronteira – Bahia: decapagem 1, 2, 3 e 4. Única trincheira. Área total 33,00m ² .	1:50	1994	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	4
Plotação de Vestígio	Sítio xingozinho: decapagem 1, 3, 4 e 5. Área total do sítio 33m ²	1:50	1994	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	4
Plotação de Vestígio	Sítio Recanto do Olodum – Bahia: decapagem 1,2,3,4,5,6,7,8,9 e 10. Única trincheira horizontal . Área total 18 m ²	1:50	1994	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	10
Plotação de Vestígio	Sítio Juazeiro - Sergipe: decapagem 1, 3, 4 e 5. Única trincheira. Área total 33,00m ² .	1:50	1994	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	4

Plotação de Vestígio	Sítio Esperança - Sergipe: decapagem 1,2, 3, 4, 5 e 6. Única trincheira. Área total 33,00m ² .	1:50	1994	Croqui da decapagem 6 está rasgado e foi colocado com fita adesiva.	6
Plotação de Vestígio	Sítio Poço Verde - Sergipe: decapagem 1 e 6. Trincheira transversal. Área total 42 m ² .	1:50	1994	Decapagem 6 está rasgada.	2
Plotação de Vestígio	Sítio Vitória Regia III - Sergipe: decapagem 2 e 4. Duas trincheiras	1:100 e 1:5	1997	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o	2

	paralela e transversal.			material	
Plotação de Vestígio	Sítio Mulungú - Bahia: decapagem 4. Duas trincheiras (horizontal e vertical). Área total 69m ² .	1:50	1996	Havia presença de bichos e pregos de metais na gaveta 2, o que pode danificar o material	1
Plotação de Vestígio	Sítio Curituba II - Sergipe: decapagem 1, 2 e 4. Duas trincheiras horizontal e vertical. Área total 117m ² .	1:50	-	Croqui de decapagem 4 parece que foi comido por bicho, croqui está se rasgando.	3
Plotação de Vestígio	Sítio Caraibas - Bahia: decapagem 1,2, 3, 4, 5 e 6. Única trincheira horizontal. Área total 33,00m ² .	1:50	1995	Todos os croquis estão rasgando nas extremidades.	6
Plotação de Vestígio	Sítio Mandacaru das Pedras - Bahia: camada 02, 03 e 07, trincheira paralela e vertical, Área total 42,00m ² .	1:5	1998	Todos os croquis estão rasgando nas extremidades.	3
Plotação de Vestígio	Sítio Curva da Solidão - Bahia: decapagem 1,2,3,4 e 5. Trincheira transversal. Área total 33m ² .	1:50	1995	Decapagem 3 rasgo colado com fita adesiva e bordas estão rasgadas	5

Plotação de Vestígio	Sítio Mandú - Bahia: decapagem 1,2, 3, 4, 5 e 6. Duas trincheiras, uma horizontal área 24m ² e uma vertical área 18m ² .	1:50	1994/1995	Todos os croquis estão rasgando nas extremidades.	1
Plotação de Vestígio	Sítio Saco da Onça 01 - Sergipe: decapagem 01,01,02,03,05, 08 e 09. Duas trincheiras horizontal e vertical. Área total 105m ² . Decapagem 01 é um esboço e a outra 01 está completa	1:50	1994,1997,1998	Todos os croquis estão rasgando nas extremidades.	7
Plotação de Vestígio	Sítio Saco da Onça 02 - Sergipe: decapagem 01,02 e	1:50	1994 e 1997	Todos os croquis estão rasgando nas extremidades.	3
	03. Duas trincheiras horizontal e vertical. Área total 63m ² . Fogueira 1 da decapagem 1 quadra B5 -1,52 m x 110m.				

Curva de Nível	<p>Levantamento plani- altimétrico Sítio xingozinho – Bahia. Área do sítio 375,00m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Fronteira – Bahia. Área do sítio 243,75m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Juazeiro–Sergipe. Área do sítio 532,00m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Esperança–Sergipe. Área do sítio 625,00m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Poço Verde – Sergipe. Área do sítio 400,00m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Mulungú –Bahia. Área do sítio 1200m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Caraíbas –Bahia. Área do sítio 700m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Mandacaru das Pedras –Bahia. Área do sítio 500m².</p> <p>Levantamento plani- altimétrico Sítio Curva da Solidão – Bahia. Área do sítio 492m².</p>	1:50	1994	Contém marcas de fita adesiva e borracha derretida em todos os 11 croquis	11
----------------	--	------	------	--	----

	Levantamento plani- altimétrico Sítio Mandú –Bahia. Área do sítio 448m ² .				
	Levantamento plani- altimétrico Sítio Recanto do Olodum –Bahia. Área do sítio 93,30m ² .				
				Total de Itens da 2 ^o Gaveta =	80 documentos

Tabela 4 - Documentação analisada da Gaveta 3. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
Mapa (Croqui)	Localização dos sítios arqueológicos a céu aberto e registro gráfico Bahia, Alagoas e Sergipe.	1:50	1999	Todos danificados pela borracha derretida do elástico, estão riscados e desbotados.	1
Planta Baixa (Croqui)	Caminhamento Marcando sítios de registros gráficos (vistas frontais, desenhada/ desenho colorido)	-	-	-	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Cabeça de Nego - Sergipe: camada 3,4,6,7,8,9,11,13,15, 16 e 17. Duas trincheiras horizontal e vertical. Área total 57,00m ²	1:5	1998	Todos danificados pela borracha derretida do elástico, estão riscados e desbotados.	11
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Bela Vista - Sergipe: decapagem 2,3,4,5 e 6. Única trincheira horizontal. Área total 48m ² .	1:50	1994	-	5
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio São Francisco II – Alagoas: decapagem 1,2,3,4,5 e 6. Trincheira 01 horizontal área de	1:100	-	Está rasgado, com manchas amareladas e borracha derretida.	6

	39m ² e a trincheira 02 horizontal área 33m ² .				
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio São Francisco I - Alagoas: decapagem 1,2,3 e 6. Única trincheira vertical. Área total 36m ² .	1:50	-	Esta rasgado, com mancha amarelada e borracha derretida, o croqui de decapagem 3 está com um buraco enorme.	4
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Mirador I e II- Alagoas: decapagem 2,4 e 5. Duas trincheiras horizontais, ambas com 18m ² .	1:50	1994	Todos estão com borracha derretida, no croqui da decapagem 4 onde ficava presa ao elástico está rasgado.	3
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Lamarão - Alagoas: decapagem 1 e 6. Unica trincheira horizontal. Área total 48m ² .	1:50	-	Mancha em algumas partes, rasgo nas extremidades e borracha derretida no meio do croqui.	2
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Cancamunhé - Alagoas: decapagem 2,3, e 5. Três trincheiras, duas transversais (1 e 2) possui 18 m ² e uma paralela possui 33 m ² . Área total 69m ² .	1:50	-	Borracha derretida no croqui, manchas de risco lápis como se havia correções, essas inscrições são só para dizer os m ² .	3
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Porto Belo I - Sergipe: decapagem 2,4,6,8 e 10. Unica trincheira vertical. Área total 60m ² .	1:50	1997	Mancha em algumas partes de ferrugem ou queimado, rasgo nas extremidades principalmente no croqui de decapagem 2 e borracha derretida no croqui.	5
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Porto Belo 6 (III)- Sergipe : decapagem 1,1,2,3,3 e 4. Duas trincheiras, uma horizontal e uma vertical. Área total 138m ² .	1:50	1994/1998	No croqui em uma da decapagem 1 o 06 está com x e está entre parênteses o 03, ele também está manchado, rasgado no entorno inferior e com borracha derretida. E na decapagem do croqui 04 ele está	6

				rasgado em no meio da planta chave	
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Jurema - Sergipe: decapagem 2,3, 5 e 6. Única trincheira vertical. Área total 18m ² .	1:50	1994	Manchas escuras e da tinta da caneta utilizadas para pintar e contém borracha derretida, extremidades com rachaduras.	4
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Fazenda Velha I - Alagoas: decapagem 3 quadra L1; fogueira 2 (0,60 x 0,50 cm) decapagem 1,1,2, 2 e 8. Uma trincheira horizontal. Área total 57,00m ² .	1:50	1994	Marca de borracha derretida e rachaduras nas laterais.	7
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Fazenda Velha II - Alagoas: decapagem 4. Única trincheira horizontal. Área total 42,00m ² .	1:50	1995	Rasgado e colado com fita adesiva, cheio de rachaduras, rasgo na lateral e marca de borracha derretida.	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Ouro Fino - Sergipe: decapagem 1,2,3,4,5 e 6. Duas trincheiras, uma horizontal e uma vertical. Área total 93,00m ² .	1:50	1994	Material bem desbotado, aparentemente de umidade; com rachaduras, marcado com borracha derretida; rasgos nas laterais. No croqui da decapagem 6 aparentemente há manchas de cupim.	6

<p>Plotação de Vestígios (Croqui)</p>	<p>Sítio Vitória Régia I - Sergipe: decapagem 03. Duas trincheiras, uma horizontal e uma vertical. Nível 2,3,5 e 6. Duas trincheiras, uma horizontal e uma vertical. Área total 189,00m². Decapagem 3, fogueira 2 quadra H9 (0,83 X 0,85).</p>	<p>1:50 1:5</p>	<p>1994/ 1998</p>	<p>Bastante avariado, rasgo colado com fita adesiva, marca de ferrugem, extremidades estão rasgadas. Nível 1 tem marcas de ferrugem ou cupim, marcas de borrada derretida, mancha de umidade e rasgo nas extremidades. Nível 2 tem quantidade</p>	<p>7</p>
---------------------------------------	---	---------------------	-----------------------	--	----------

				<p>bem acentuada de borrada derretida. E todos possuem rasuras e rachaduras nas extremidades. Marcas de grampo em uma das extremidades, mancha de umidade, marcas de borracha derretida e o número 497 G1</p>	
--	--	--	--	--	--

Curvas de Níveis (Croqui)	<p>Levantamento planialtimétrico Sítio Bela Vista - Sergipe. Área do Sítio 720,75m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio São Francisco II- Alagoas. Área do Sítio 2367,00m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio São Francisco I - Alagoas. Área do Sítio 1000,00m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Mirador I e II - Alagoas. Área do Sítio mirador I 146,70m². Área do Sítio Mirador II 300m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Lamarão - Alagoas. Área do Sítio 500,00m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Jurema - Sergipe. Área do Sítio 375,00m².</p>	1:50 1:100	1994	As extremidades estão rasgadas, com mancha amarelada e borracha derretida, marca de lápis e fita adesiva consertar um rasgo.	6
				Total de Itens da 3º Gaveta =	78 Documentos

Tabela 5 - Documentação analisada da Gaveta 4. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
Mapa (Croqui)	Localizações das áreas de pesquisas dos projetos Arqueológicos. PAX – JUS – 022.	10.000 m ²	1998	Está com marcas de queimado, manchas de	3

	<p>Região Arqueológica do Baixo São Francisco/ Localização dos sítios sondados e, ou, escavados e prospectados – trecho Traipu ao Oceano Atlântico/ JUS. N° 872.</p> <p>Região Arqueológica do Baixo São Francisco/ Localização dos sítios sondados e, ou, escavados e prospectados – trecho UHE De Xingó a Traipu/ JUS. N°873.</p>			<p>umidade, desbotado, rachado, rasgado e com marca de borracha derretida, rasurado a lápis, fezes de animais não identificados.</p>	
Planta Baixa (Croqui)	<p>Caminhamento dos Sítios arqueológicos do povoado Rio do Sal – Bahia.</p> <p>Caminhamento dos Sítios arqueológicos do povoado Malhada Grande – Bahia.</p> <p>Caminhamento dos Sítios arqueológicos do povoado Lagôa das Pedras – Bahia.</p> <p>Planta da área Arqueológica a ser pesquisada, entre Xingó e Pão de Açúcar, PAX – JUS – 001. OBS. Este desenho foi copiado do SFI4D- HS2-002, Promon engenharia S.A CHESF – Companhia Hidroelétrica do São Francisco.</p>	1:5000	1996	<p>Colorido, desbotado, rasgado nas extremidades, borracha derretida, rachado, mancha de umidade</p>	4
Decalque (Croqui)	<p>Do caminhamento pela jusante, seção ponto – 15= E-102+1,233 (escala 1:200). 1- “riacho talhado c/ afluentes planta baixa”</p>	1:4000	-	-	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	<p>Cerâmica decorada “Barragem” –Fig. 12, Croqui com 9 peças.</p>	-	-	-	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	<p>Cerâmica decorada Sítio “Cipó”, duas peças e Sítio “Barracão”, duas peças.</p>	-	-	<p>borracha derretida, desbotado, inscrição a lápis, rachaduras nas extremidades.</p>	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	<p>Sítio Vitória Régia I - Sergipe: fogueira 1, Quadra F9/F10, decapagem $\frac{3}{4}$ (1,44m x</p>	1:5	-	<p>Está desbotado, rasgado e com a numeração 496</p>	1

	1,00 m x 1,46 m x 0,70)			G1, marca de borracha também.	
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Jerimum- Sergipe, decapagem 1,2,3,4,5,7,8,9,10,11,12,13 e limpeza. Os vestígios plotados, juntando todos os croquis são: cerâmica, lítico, fogueira, manchas, ossos humanos e de animais, sedimento...	1:50	1998/ 1999	Desbotado, bem rasgado, borracha derretida, fita adesiva, rachadura, marca de caneta vermelha e lápis, tem numeração a lápis. Cada decapagem possui 3 croqui e todos eles estão com rasgos no mesmo lugar.	40
Curva de Nível (Croqui)	Sítio Jerimum, Sergipe. Obs.: as curvas de níveis estão de 0,50 a 0,50 cm	1:100 / 1:50 / 1:250	1997 / 1998	Rasgado, desbotado, borracha derretida, rachaduras, fezes de animal não identificado	3

Curva de Nível (Croqui)	<p>Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia II, N° 853 G2– Sergipe. Área do sítio 12 x 25 x 2 x 2 m.</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia III, N° 854 G2– Sergipe. Área do sítio 1600 m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia IV, N° 855 G2– Sergipe. Área do sítio 666,75 m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia V, N° 856 G2– Sergipe. Área do sítio 300 m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia VI, N° 857 G2– Sergipe. Área do sítio 247,50 m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia VII, N° 858 G2– Sergipe. Área do sítio 266,67 m².</p> <p>Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia VIII, N° 859 G2– Sergipe. Área do sítio 300 m².</p>	-	-	Desbotado, rasgado, borracha derretida, marca de lápis e com rachadura.	8
-------------------------	--	---	---	---	---

	Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia IX, N° 860 G2– Sergipe. Área do sítio 247,50 m².				
Croqui Estratigráfico	Sítio Barracão – margem Alagoana, acompanhamento geral das escavações com decapagem/ perfil, longitudinal pelo eixo da trincheira/ quantidade de vestígio e identificação por decapagem: foram realizadas 17 decapagens	-	-	Rasgado, manchas de umidade, rachaduras e manchadas.	1

Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Letreiro – Sergipe,(painel único). Sítio Letreiro – Sergipe,(pintura e gravura).	10 cm	-	Péssimo estado, rasgado, fita adesiva, rachadura, desbotado, marca de lápis, ferrugem, borracha derretida, mancha de umidade.	2
Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Talhado – Alagoas, 1- (painel único) Sítio Talhado III – 1- (painel 2 -gravuras) Alagoas Sítio Talhado III – (painel 1 e 2) N° 29. Alagoas Sítio Talhado H	1:2,5 10 cm	1998	manchado, rasgado, marca de mofo, muito amassado.	4
Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Castanho- Alagoas (pinturas)	10cm	-	-	2
Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Marimbondo - Alagoas	10 cm	-	-	2
Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Vale dos Mestres III - Sergipe, (gravuras) Sítio do Vale dos Mestres II -Riacho Poço Verde, Canindé do São Francisco - Sergipe, (gravuras) (painel 1: corte AB, distância para o painel 2 de 14,5 m) (painel 2 corte CD)	1:50 10 cm	-	Está rasgado, caneta desbotada, marca de fita adesiva, mancha de umidade e rachaduras.	3
Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Vila Ruim – Sergipe. gravura e pinturas nos dois, painel 1 e painel 2; (tem outro decalque do	10 cm	1998	Estado de conservação dos croquis: com borracha derretida,	5

	painel 1) (outro croqui do painel 2)(painel 3 – só pintura). Sítio N° 457 -(Sítio Vila Ruim – Sergipe?)pinturas) (painel 1, distância de uma pintura para outra 2,75m. Sítio N° 105 -(Vila Ruim - Sergipe?) (pintura)			desbotado e rasgado nas extremidades. Rasgado, borracha derretida, desbotado, fita adesiva, marcas de umidade, ferrugem.	
--	---	--	--	---	--

Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Imburana I (Sítio N° 106) -Alagoas (pinturas) Sítio Imburana I - Alagoas.1- (pinturas) (painel 1) Sítio N° Imburana I - Alagoas (outro do painel 1) obs.: dist. 0,90 m.	1:5 / 10 cm	1998	Rasgado, manchado, marca de umidade, borracha derretida, ferrugem lápis, rachadura	3
--------------------------------	--	----------------	------	---	---

Croqui de Pintura Rupestres	<p>Sítio N° 58 (gravuras) (painel único); Sítio N° 67 (pinturas); Sítio N°412 (pinturas) (painel 1); Sítio N°413 . (pinturas) (painel único); Sítio N° 35 (gravuras) (painel único); Sítio N° 32 1- (pinturas) (painel único); Sítio N°460(pintura); Sítio N°456 pintura e gravura (aparentemente painel único); Sítio N°454(pintura); Sítio N°451 (pintura); Sítio N° 101 pintura) (painel 2, distância de uma pintura para outra de 0,55 cm); Sítio N° 108 (pinturas) (painel 1, distancia das pinturas 0,75); Sítio N°459 (pinturas) (gravuras) (2 painéis, distancia de um para o outro de 1,20 m); Sítio N° 457(gravura) (painel 2); Sítio N° 458 (pintura); Sítio N°455 (pintura); Sítio N° 317-Bahia (pintura) (painel único); Sítio N° 461(única pintura); Sítio N° 453 (pintura); Sítio N°452 (pintura); Sítio N° 311, Malhada Grande, Bahia (painel único de pintura); Sítio N°450(pintura e gravura); Sítio N° 433 Croqui de cartolina (pintura, painel 1); Sítio B ? (pintura) obs.: provavelmente mais de um painel porem não identificado; Sítio N° 356 - Sergipe (painel 1, pintura); Sítio N° 299 – painel 1 e 2, demonstrativo de painéis de pintura do Sítio Povoado Malhada Grande, Município de Paulo Afonso; Material: registro Gráfico (pintura e gravura) - Material coletado no Riacho afluente do Talhado – demonstrativo dos painéis (14) de pintura e gravura dos Sítios plotado no riacho AFL.do talhado Município de Delmiro Gouveia no estado de Alagoas. As pinturas estão em vermelho e as gravuras estão em preto.</p>	5 cm; 20 cm; 10 cm; 1:7; 15 cm; 1:9; 60 cm; 1:4; 1:2 e 1:5	1999	27	Desbotado, com borracha derretida, rachadura nas extremidades, manchas de umidade, rasurado, rasgado,
-----------------------------	---	--	------	----	---

				Total de Itens da 4° Gaveta =	111 documentos
--	--	--	--	-------------------------------	----------------

Tabela 6 - Documentação analisada da Gaveta 5. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
Mapa (Croqui)	Localizações das áreas de pesquisas dos projetos Arqueológicos. PAX – JUS – 022	-	--	Está com marcas de queimado, manchas de umidade, desbotado, rachado, rasgado e com marca de borracha derretida.	1
Plotação de Vestígios (Croqui) do Sítio Justino, Sergipe.	Camada 1 etapa 1 e etapa 2, obs. 735; Camada 2 etapa 1 e etapa 2, obs.n° 736; Camada 3 etapa 1 e decapagem 3 etapa 2, obs. n°737; Camada 4 etapa 1 e etapa 2, obs. n°738; Camada 5 Etapa 1 e etapa 2, n°739; Camada 6 etapa 1 e etapa 2, obs. n°740; Camada 7 etapa 1 e etapa 2, obs. n°741; Camada 8 etapa 2, n°742; Camada 9 etapa 1 e etapa 2; Camada 10 etapa 1 e etapa 2, obs. n°743; Camada 11 etapa 1 e etapa 2; Camada 12 etapa 1 e etapa 2; Camada 13 etapa 1 e etapa 2,obs.n°744; Camada 14 etapa 1 e etapa 2, obs. n°745; Camada 15 etapa 2, obs. n°746; Camada 16 etapa 1 e etapa 2; Camada 17 etapa 1 e etapa 2,obs.n°448; Área da etapa 1- 1259,50m²; Área	1:5 e 1:50	1997 / 1998	Desbotado, bem rasgado (dois rasgos em ambas as extremidades, indo em direção ao centro, do lado esquerdo tem fita adesiva no rasgo), borracha derretida, fita adesiva, rachadura, marca de lápis, marca de umidade e rasura. Todos os croquis dessas etapas estão indo de mal a pior.	80

	etapa 2- 824 m ²				
Plotação de Vestígios (Croqui) do Sítio Justino, Sergipe	<p>Camada 18; Camada 19; Camada 20; Camada 21; Camada 22; Camada 23, foi molhado e ficou a marca de onde estava apoiado (Figura 13) ; Camada 24; Camada 25; Camada 26; Camada 27; Camada 28; Camada 29; Camada 30; Camada 31; Camada 32; Camada 33; Camada 34; Camada 35; Camada 36; Camada 37; Camada 38; Camada 39; Camada 40; Camada 41; Camada 42; Camada 43; Camada 44; Camada 45; Camada 46; Camada 47; Camada 48; Camada 49; Camada 50; Camada 51; Camada 52; Camada 53; Camada 54; Camada 55; Camada 56; Camada 57; Camada 58; Camada 59; Camada 60; Camada 61; Camada 62; Camada 63; Área total 1259,50 m²; 23 quadrículas escavadas.</p>	1:50	1997 / 1998	<p>Desbotado, rasgado, borracha derretida, fita adesiva e colando</p> <p>rasgo, rachadura, marca de lápis, marca de umidade, marca de grampo e rasura. Todos os vestígios estão em péssimo estado de conservação, principalmente com marcas de umidade.</p>	94

Plotação de Vestígios (Croqui) do Sítio Vitória Régia 01, Sergipe	Nível 8, Área total do Sítio 189 m ² , croquis não coloridos – duas trincheiras, uma horizontal e uma vertical – cerâmica,	1:50	1998	Desbotado, rasgado, borracha derretida, rachadura, marca de lápis, marca de umidade, marca de	1
---	---	------	------	---	---

	lítico e manchas;			caneta preta, marca de grampo, ferrugem e rasura	
Curva de Nível (Croqui)	Levantamento planialtimétrico Sítio Justino e Cabeça de Nego	-	-	Está péssima, mancha de umidade, bolo, rabiscado a lápis, com rachadura, desbotado, marca de fita adesiva, ferrugem, rasgos, fezes de animal não identificado. Obs. Identificação comprometida devido a umidade.	2
Curva de Nível (Croqui)	Levantamento planialtimétrico Sítio Justino – Sergipe.	1:50	1995	Borracha derretida, rasgado, desbotado, marca lápis, marca de umidade, rachadura, marca de grampo e fita adesiva.	1
Curva de Nível (Croqui)	Levantamento planialtimétrico Sítio Vitória Régia I – Sergipe. Área do sítio – 2250 m ² .	1:50	1994	Borracha derretida rasgado, desbotado, marca lápis, marca de umidade, rachadura, marca de caneta preta, ferrugem e rasura.	1
				Total de Itens da 5ª Gaveta =	180 Documentos

Tabela 7 - Documentação analisada da Gaveta 6. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
Perfis dos eixos das trincheiras: Paralelas e Transversais (Croqui)	Sítios: Curituba 1 e 2-SE; São José 1 e 2-AL; Vitória Régia 1 a 10-SE; Porto Belo 1 a 9-SE; Faz. Velha 1 e 2-AL;			De maneira Geral, os perfis estão em bom estado de conservação, exceto a pasta em que estão	66

	Cancamunhé-AL; Justino 1 e 2- SE; Saco da Onça 1 e 2-SE; Ouro Fino-SE; Tôpo-SE; São Francisco 1 e 2-AL; Poço Verde-SE; Esperança-SE; Mirador 1 e 2-AL; Tanques-AL; Curva da Solidão-BA; Xingó-AL; Recanto do Olodum-BA; Xingozinho-BA; Mandu-BA; Sergipe-SE; Cabeça de Nego-SE; Mandacaru das Pedras-BA Jurema-SE; Juazeiro-SE; Mulungu-SE; Lamarão-AL; Caraíbas-BA; Bela Vista-SE; Fronteira-SE;			armazenados. Aparentemente estavam grampeados em algum lugar , porque possuem marcas de grampo.	
--	---	--	--	---	--

Banners (Figura 14).	<p><i>“Uma unidade sobre as indústrias líticas do sítio barragem (estudo preliminar) – Xingó, ALAGOAS”</i> - (autores: Cleonice Vergne e Marcelo Fagundes);</p> <p><i>“Casos paleontológicos na população pré-histórica dos Sítio Justino (Canindé de São Francisco, Sergipe, Brasil.”</i> (autores: Olívia Alexandre De Carvalho, Sheila Maria Mendonça de Souza e Cleonice Vergne).</p> <p><i>“Localização dos sítios de registro gráfico Paulo Afonso, Bahia.”</i></p> <p><i>“Relembrar o passado é reescrever a história – a Linha Férrea Paulo Afonso.”</i> (Cleonice Vergne, Claudia Nunes, Eduardo Santiago e Monika Maria Freire de Araujo)</p>	-	-	-	4
----------------------	---	---	---	---	---

Anterior ao PAX “Mapas do Projeto Campo Verde, Canindé de São Francisco”	<p>Geomorfologia de Sergipe</p> <p>Tipos climáticos de Sergipe</p> <p>Temperatura e precipitações de Sergipe</p> <p>Vegetação de Sergipe (baseada na cobertura aerofotodramétrica do estado de Sergipe, 1971-1972)</p>	-	1998	-	5
---	--	---	------	---	---

Imagem De Satélites	<p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-II-2 MIR1520-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-II-4 MIR1520-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-II-1 MIR1520-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-VI-2 MIR1596-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite</p>	1:50000	2000	Todos estão conservados, entretanto alguns possuem manchas e rachaduras nas extremidades.	38
---------------------	---	---------	------	---	----

	<p>das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-VI-1 MIR1596-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-III-3 MIR1668-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-D-V-4 MIR1598-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-I-4 MIR1666-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-A-V-2 MIR1443-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-III-1 MIR1668-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-VI-1 MIR1734-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-D-VI-2 MIR1597-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-II-3 MIR1520-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-VI-3 MIR1596-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-V-1 MIR1595-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-I-2 MIR1666-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-V-2 MIR1733-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-II-2 MIR1520-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-D-I-3 MIR1522-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-D-V-1 MIR1598-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-V-4 MIR1595-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-D-V-3 MIR1598-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-A-III-1 MIR1665-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-A-III-2 MIR1665-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-I-1 MIR1666-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-A-V-3 MIR1443-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-II-3 MIR1667-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-II-1 MIR1667-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano</p>				
--	---	--	--	--	--

	<p>Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-V-2 MIR1595-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-III-1 MIR1521-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-III-3 MIR1521-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-III-4 MIR1521-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-C-VI-4 MIR1596-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-D-IV-1 MIR1597-1</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>IMAGEM SC-24-X-D-IV-3 MIR1597-3</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-X-D-IV-4 MIR1597-4</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-II-2 MIR1667-2</p> <p>Projeto: Recobrimento de imagens de satélite das margens do Rio São Francisco no trecho entre a represa de Paulo Afonso – Foz no Oceano Atlântico. CARTA-IMAGEM SC-24-Z-B-II-4 MIR1667-4</p>				
Croquis de possíveis plantas de construção da Usina	<p>Casa de força – aérea montagem/ forma e armadura – bases; Casa de força / armadura – CF4 – trecho CD/EI. 26,00 – Acabamentos</p> <p>Grupos de emergência/ armadura – sala de bombas – EL.9,70- Acabamentos</p>	-	-	-	5
Croqui não identificado	<p>Algum sítio na margem sergipana entre o Rio São Francisco e o riacho Curituba. Com vestígios de lítico, cerâmica, enterramento, vasilhame cerâmico com esqueleto e fogueira.</p>	-	-	-	1

Mapas (Croqui)	Mapa exploratório – reconhecimento de solos,	1:1000000	1976	-	1
----------------	--	-----------	------	---	---

	margem direita do rio são Francisco, estado da Bahia				
Mapas (Croqui)	Mapas geológicos do estado de Sergipe	1:250000	1983	-	4
Mapas (Croqui)	Mapa do nordeste	1:2000000	1989	-	1
				Total de Itens da 6º Gaveta =	125

Tabela 8 - Documentação analisada da Gaveta 7. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
----------------------	------------------	---------------	-------------	------------------------------	-------------------

<p>Planta baixa, com corte e perspectiva</p>	<p>Sítio de registro gráfico: sítio Gervásio – AL</p> <p>Painéis da área do povoado Malhada Grande, Bahia, pintura.</p> <p>Localização da área dos sítios no povoado Malhada Grande-Bahia (sítio n° 315, 322, 310 e 321)</p> <p>Localização da área dos sítios no povoado Lagoa das Pedras-Bahia (sítio n°299, 327, 326 e 308)</p> <p>Painéis da área do povoado Lagoa das Pedras, Bahia, pinturas e gravuras.</p> <p>Localização da área dos sítios de registros gráficos: Sítio n° 385 – povoado Rio do Sal, Bahia/ Sítio n°325 – povoado Lagoas das Pedras, Bahia/ Sítio n°321 – povoado Malhada Grande, Bahia/ Sítio n° 351 – fazenda mundo novo – Sergipe/ Sítio N° 363 – Riacho Talhado, Alagoas</p> <p>Localização da área dos sítios do povoado Rio do Sal: Sítios N° 417, 421, 419 e 422</p> <p>Todas feitas em cartolina</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>Em péssimo estado de conservação, rasgado, desbotado, marca de umidade, fezes de animal, ferrugem, casa de maria pobre.</p>	<p>7</p>
--	--	----------	----------	--	----------

<p>Planta Baixa (croqui)</p>	<p>Projeto de reforma e ampliação do laboratório do MAX: Planta baixa no laboratório do MAX – do primeiro andar.</p> <p>Projeto de reforma e ampliação do laboratório do MAX: Projeto de esgoto e águas fluviais</p> <p>Projeto de reforma e ampliação da reforma do MAX: Projeto de instalação hidráulica.</p> <p>Projeto de reforma e ampliação da reforma do MAX: Planta baixa da fundação, croqui colorido.</p> <p>Planta baixa do laboratório/depósitos e museu de arqueologia de Xingó.</p> <p>Planta baixa da construção próxima ao parque hotel Xingó. Museu de arqueologia de Xingó, perspectiva da fachada</p> <p>Museu de Arqueologia de Xingó, planta baixa.</p> <p>Projeto reforma: instalações do PAX, perspectiva planta baixa.</p> <p>Planta do laboratório, sem escala, sem data, croqui colorido.</p> <p>Projeto reforma: instalações do Pax, perspectivas, planta baixa.</p> <p>Plantas baixas do ecomuseu arqueológico, módulos para peças, detalhamento da construção</p> <p>Planta do museu.</p>	<p>1:50, 1:100, 1:200, 1:300</p>	<p>1994, 1995, 1998 e 1999</p>	<p>Fita adesiva, borracha derretida, fezes de animais, marca umidade, rasgado, desbotado, marca de lápis.</p>	<p>52</p>
------------------------------	--	----------------------------------	--------------------------------	---	-----------

	<p>Projeto de reforma e ampliação do laboratório do MAX: planta baixa fundação.</p> <p>Projeto de reforma e ampliação do laboratório do MAX: planta de cobertura.</p> <p>Antigo escritório de campo CHESF/Hidroservice/Promon .</p> <p>Escritório laboratório da arqueologia e D.M.A arquitetura – planta baixa.</p> <p>Planta da situação do MAX.</p> <p>Planta baixa da cobertura do MAX):corte AB; corte CD, croqui colorido.</p> <p>Traues da estrutura metálica e projeto do telhado.</p> <p>Planta baixa do MAX de cartolina</p> <p>Projeto de reforma e ampliação da reforma do MAX: Fachada do museu;e vistas lateral e fundo, croqui colorido.</p> <p>Projeto de reforma e ampliação do laboratório do MAX: projeto elétrico. Croqui colorido.</p> <p>Elétrico: diagrama de quadro e cargas/ LAY-OUT Subestação, cortes e detalhes/ distribuição de forças e tomada/ planta de iluminação.</p> <p>Projeto de reforma e ampliação da reforma do MAX: Fachada do museu e vistas lateral e frontal.</p> <p>Planta baixa do laboratório: cortes e detalhes.</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>Planta para locação em cartolina.</p> <p>Área a ser construída (MAX?), croqui colorido.</p> <p>Levantamento das seções transversais da área do laboratório da arqueologia, um perfil e um de plantas (curvas de níveis)</p>				
Plantas baixas sem identificação.	<p>Planta sem identificação, obs.: pode ser um rascunho;</p> <p>Planta baixa sem identificação;</p> <p>Um croqui sem identificação, foi rasgado de um lado a outro.</p> <p>Plantas baixas sem identificação, possivelmente da fachada do MAX, croqui colorido,</p>	-	-	<p>Rasgado, desbotado, riscado de lápis e caneta preta, marca de umidade, fezes de animais, borracha derretida, fita adesiva</p>	8
Planta Baixa do Museu do Homem Sergipano	<p>Museu do homem sergipano - Planta baixa do térreo e primeiro piso. Obs.: foi oriundo do primeiro projeto de arqueologia em Sergipe de 1987.</p>	1:100; 1:200;	2000	<p>amassado, borracha derretida, marca de lápis, marca de umidade, rabiscada de caneta, tem uma rasgada, fezes de animais, borracha derretida, ferrugem, marca de grampo</p>	7
Planta Baixa (Croqui)	<p>Sítio curituba 01 – decapagem 01. Rascunho do croqui, papel parece cartolina; Obs.: duas cartolinas coladas uma na outra pra completar o desenho</p>	-	1996	<p>Muito rasgado, fezes de animais, marca de umidade, fita adesiva, borracha derretida, ferrugem, marca de caneta vermelha e lápis.</p>	1

Curva de Nível (Croqui)	Levantamento planialtimétrico do sítio Justino.	Apagada	Apagada	Marca de umidade, fezes de animal, amassado, desbotado, rasgado, fita adesiva, rasura, marca de caneta vermelha, marca de lápis, ferrugem. Obs.: maior perda das inscrições devido a umidade.	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Fazenda Velha 1, decapagem 3 – cerâmica, lítico, ósseo e sedimento. Área do sítio 57 m ² .	1:5	-	Desbotado, rasgado, marca de umidade, rasura, ferrugem, marca de lápis e caneta vermelha, fezes de bicho, marca de grampo	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Jerimum, decapagem 1; 1 – lítico; 1- cerâmica; 1 variado – fogueira, sedimento, mancha e etc.	1 m	-	Desbotado, rasgado, marca umidade, fezes de animais, ferrugem, borracha derretida, rachadura, rasura, marca de lápis	3
Croqui de Pintura Rupestres	Vale dos mestres 3: 5 painéis, gravuras, painel único (?). Riacho Poço Verde, Canindé de São Francisco – Sergipe.	10 cm	-	Rasgado, desbotado, marca de grampo, fezes de animais, ferrugem, marca de umidade, marca de lápis, rachadura	1

Mapa (Croqui)	Mapa político do estado da Bahia, em cartolina	-	1984	Borracha derretida, rasgado	1
				Total de Itens da 7º Gaveta =	82 Documentos

Tabela 9 - Documentação analisada da Gaveta 8. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
Planta Baixa (Croqui)	Projeto de reforma: instalação do PAX, perspectiva planta baixa. Departamento de obras de Xingó, Rio São Francisco, perfil	1:100	1990	Amassado, dobrado, rasgado, mancha de umidade, em cartolina, riscado de caneta, marca de grafite	2
Planta Baixa (Croqui), Sítio Cipó	Sítio Cipó – Alagoas. Perfil Longitudinal da trincheira transversal ou paralela. Escavação final. Sítio Cipó – Alagoas. Perfil Longitudinal escavação final pelo eixo da trincheira/ quantidade de vestígios por camada	1:100	1997	Desbotado, rasurado, rasgado e marcha de lápis e de caneta vermelha.	2
Planta Baixa (Croqui), Sítio Jerimum	Sítio Jerimum 1 – Sergipe, com andamento das sondagens no momento, sessão AA, sessão BB e sessão CC. Área escavada de 372 m ² , área total do terraço 6525, 53 m ³ . 2 - perfil longitudinal das trincheiras, sessões AA, BB e CC. Sítio Jerimum 1 – Sergipe, com andamento das sondagens no momento, sessão AA, sessão BB e sessão CC. Área escavada de 372 m ² , área total do terraço 6525, 53 m ³ .	1:200	1998	Rasgado, desbotado, fita adesiva, umidade, ferrugem, marca de lápis, borracha derretida	3

Planta Baixa (Croqui), Sítio Justino	Sítio Justino, setor 2: planta chave, perfil do eixo da trincheira horizontal, perfil da trincheira transversal.	1:200	-	Rasgado, borracha derretida, rasurado, fita adesiva, umidade	1
Planta Baixa (Croqui), Sítio Fazenda Mundo Novo	Fazenda Mundo Novo – Sergipe. Planta baixa, perspectiva, corte: arte rupestre (pintura); Fazenda Mundo Novo jararaca 1,2 e 3. croqui colorido	1:50 e 1:100	1999	Marca de umidade, rasgado, desbotado, marca de grampo, lápis, fita adesiva	6
Planta Baixa (Croqui), Sítio 299	Sítio 299: planta baixa perspectiva e corte AB;abrigo 05 Sítio Jorge, planta baixa perspectiva e corte AB;abrigo 02, planta baixa perspectiva e corte AB; abrigo 4, planta baixa perspectiva e corte AB; abrigo 15, planta baixa perspectiva e corte AB; abrigo 16 planta baixa perspectiva e corte AB; abrigo 10, planta baixa perspectiva e corte AB;	1:100	1999	Borracha derretida, rasgada, lápis, desbotada, marca de umidade	7
Curvas de Nível (Croqui)	Levantamento Planialtimétrico da área do museu. Croqui colorido; Curvas (MAX?);	1:250; 1:30;	-	Borracha derretida, desbotado, rasgado, fezes de animais e mancha de umidade.	2
Curvas de Nível (Croqui), Sítios	Sítio Barracão – Alagoas; Levantamento Planialtimétrico do Sítio Justino. obs.: as curvas de níveis estão de 0,50 cm a 0,50 cm.	1:50;	-	desbotado, marca de umidade, ferrugem, rachado, borracha derretida, fezes de animais, rasurado	2

Plotação de Vestígios (Croqui), Sítio Barracão	Sítio Barracão – camada 02, Alagoas, cerâmica, lítico, sedimentos, dente, carvão, louça, gastrópode, toco, mancha cinza, c. de ossos e ferro.	2m e 1:50	2007	Borracha derretida, marca de lápis, marca de caneta preta, desbotado,	3
--	---	-----------	------	---	---

	Sítio Barracão – Alagoas, quadriculamento.			marca de umidade	
Plotação de Vestígios (Croqui), Sítio Cipó	Sítio Cipó, Alagoas – quadriculamento, camada 2 – mancha, lítico, cerâmica, sedimento, ossos e carvão; Sítio Cipó, Alagoas – quadriculamento, camada 1 – mancha, lítico, cerâmica e sedimento; Sítio Cipó, Alagoas – quadriculamento, camada 3 – mancha, lítico e cerâmica; Sítio Cipó, Alagoas – quadriculamento, camada 4 – mancha, lítico, cerâmica	1:100	1997	Rasura, mancha vermelha, rachadura e rasgado, desbotado, marca de borracha	4
Plotação de Vestígios (Croqui), Sítio Justino	Sítio Justino, Sergipe – camada 8 – 1- cerâmica, carvão, lítico, restos ósseos, sedimentos, manchas e esqueleto; 2- cerâmica, carvão, lítico, restos ósseos, sedimentos, manchas e esqueleto; 3 - cerâmica, carvão, lítico, restos ósseos, sedimentos, manchas e esqueleto; 4 – fogueira, cerâmica, carvão, lítico, restos ósseos, sedimentos, manchas e esqueleto. Área 1259, 50 m². 2 croqui coloridos e 2 não; Sítio Justino, Sergipe – variados, 2 croquis 14, 2 croquis 15, 2 croquis 16, 2 croquis 17, 2 croquis 18, 2 croquis 19, 12 unidades, área 12 059 m², colorido.	1:50	1998	Borracha derretida, lápis, fita adesiva, rachadura, rasgado, marca de grampo, marca de umidade, fezes de bichos	16

<p>Croqui de Pintura Rupestres de Sítios Diversos (Painéis)</p>	<p>Sítio B – painel 2,3 e 4, pintura, em cartolina (possível rascunho).</p> <p>Sítio 437 – painel único, pintura e gravura, em cartolina,</p>	<p>1:5, 10 cm</p>	<p>-</p>	<p>Borracha derretida, fezes de animais, lápis, mancha umidade, ferrugem, caneta preta borrada, marca de umidade</p>	<p>12</p>
---	---	-------------------	----------	--	-----------

	<p>Sítio 363 – painel 2, gravura, em cartolina, no fundo tem a planta de uma casa.</p> <p>Sítio - painel 2,3 e 4, pintura, em cartolina. Sítio 445 – painel 1, pintura e gravura, em cartolina.</p> <p>Sítio 449 – painel 1 (teto), pintura, em cartolina. Obs.: 3 desenhos em amarelos não identificados.</p> <p>Sítio 449 - painel 2, pintura, em cartolina.</p> <p>Sítio 101 – painel 2, Pintura;</p> <p>Sítio 105 – painel único, pintura.</p> <p>Sítio 106 – painel 1, pintura; painel 2, pintura.</p>				
--	---	--	--	--	--

Mapas	<p>Geologia regional: Mapa geotectônico.</p> <p>Mapas aleatórios da região por onde a usina abrange (?).</p> <p>Mapa de localização Sítio de registro gráficos áreas: povoados Rio do Sal, Malhada Grande e Lagoa das pedras – Paulo Afonso</p> <p>Localização dos Sítios Arqueológicos, da jusante da UHE de Xingó até Pão de Açúcar.</p> <p>Localização dos Sítios Arqueológicos, da jusante da UHE de Xingó até Traipu.</p>	1:100 000 1:100	1995; 1997; 1998; 2007;	Amassado, marca de caneta preta, rasgado, marca de umidade, borracha derretida e fezes de bicho.	17
-------	--	--------------------	----------------------------------	--	----

<p>Rascunhos</p>	<p>Rascunho de desenho de algum sítio em cartolina, sem mais informações.</p> <p>Rascunho não identificado, de alguma planta baixa em cartolina.</p> <p>Rascunhos não identificados. Em cartolina.</p> <p>Rascunho de pinturas e gravuras: Sítio 361 (gravura e pintura, painel único); Sítio 362 (gravuras, painel único); Sítio B (pintura, painel 1); Sítio 63(gravura, painel único).</p> <p>Plotação de vestígio: sítio Cipó – camada 1(cerâmica, lítico, osso e cipó),2 (sedimento, cerâmica e lítico),3 (lítico, cerâmica e sedimento),4 (cerâmica, lítico, sedimento, esqueleto),5 (cerâmica, lítico, sedimento, esqueleto), 11 (sedimento, lítico, cerâmica, osso, RD e pilão) limpeza (cerâmica e sedimento). obs. foram feitas por alunos da UFS.</p> <p>Rascunho não identificado.</p> <p>Sítio Cipó – limpeza (duas folhas, cerâmica, lítico, louça, osso e sedimento); camada 1 (uma folha, cerâmica, lítico, louça, osso e sedimento); camada 2 (1 folha, fogueira e mancha); camada 3 (nada identificado); camada 4 (fogueira, pau -ferro); camada 5 (fogueira, carvão, mancha escura, bloco); camada 6 (fogueira e mancha escura); camada 7 (mancha vermelha,</p>	<p>1:5; 1:100; 1:200; 1:250; 1:5000</p>	<p>1996; 2007;</p>	<p>Desbotada, rasgada, fita adesiva, lápis, marca de caneta vermelha e preta, mancha de umidade, ferrugem, borracha derretida</p>	<p>54</p>
------------------	--	---	------------------------	---	-----------

	<p>sedimento e carvão); camada 8 (bloco de argila); camada 9 (gastropode e ocre); camada 10 (um bloco); camada 11 (nada identificado).</p> <p>Rascunho de plotação de vestígios - Sítio Justino I.</p> <p>Rascunho de plotação de vestígios disponíveis - Sítio Justino I – perfil da trincheira paralela e perfil da trincheira transversal.</p> <p>Rascunho planta baixa do sítio jerimum – tudo riscado de lápis, riscado de caneta vermelha, início da segunda etapa.</p> <p>Sítio Barracão – decapagem/ camada 1, 2, 8, 10, 12, 20; curva de nível.</p> <p>Plotagem de vestígios: Sítio Cipó – AL, quadriculamento.</p> <p>Planta baixa: reduzido caminhamento dos sítios em Lagoa da Pedra e Malhada Grande.</p> <p>Sítio Curitiba I – decapagem 12.</p> <p>Sítio Curitiba II – decapagem 7.</p> <p>Sítio Curitiba – camada 9, plotação de vestígios, todo desenhado a lápis.</p> <p>Sítio Curitiba – camada 6, plotação de vestígios, todo desenhado a lápis.</p> <p>Sítio Curitiba – camada 5, plotação de vestígios, todo desenhado a lápis.</p> <p>Sítio Curitiba – camada 8, plotação de vestígios, todo desenhado a lápis.</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>Sítio Curitiba I – camada 4, plotação de vestígios, todo desenhado a lápis.</p> <p>Sítio Curitiba – camada 3, plotação de vestígios, todo desenhado a lápis.</p> <p>Sítio Curitiba – camada 11, plotação de vestígios, todo desenhado a caneta.</p> <p>Gabarito das quadras – Sítio Justino, Sergipe, gabarito das quadras que foram escavadas.</p> <p>Sítio Curitiba – camada 10, plotação de vestígios, todo desenhado a caneta.</p> <p>obs:</p> <p>Nos sítios Curitiba, os rascunhos são todos feitos de papel madeira.</p> <p>No sítio Cipó, os desenhos foram feitos por alunos.</p>				
				Total de Itens da 8º Gaveta =	131 Documentos

Tabela 10 - Documentação analisada da Gaveta 9³. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Quantidade
LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRIC O RESERVATÓRIOS DE XINGÓ E PÃO DE AÇÚCAR	153
LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRIC O RESERVATÓRIOS DE XINGÓ - COTA 145,00	31
LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRIC O RESERVATÓRIOS DE XINGÓ - COTA 08/50	1

³ Essa gaveta teve uma metodologia apenas de contagem e de identificação, pois eram todas em folhas de A4 e por possuir uma grande quantidade de material, sabíamos que não daria para descrever um por um.

LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO RESERVATÓRIOS DE PÃO DE AÇÚCAR - COTA 25	2
USINA HIDRELÉTRICA DE XINGÓ: PROJETO EXECUTIVO _ TOMADA D' ÁGUA FORMA - T A2 GALERIA DE CABOS EXTERNA	1
USINA HIDRELÉTRICA DE XINGÓ: PROJETO EXECUTIVO TÚNEIS DE DESVIO EMBOQUE DOS TÚNEIS DE DESVIO TRATAMENTO DA PAREDE LATERAL ENTRE EL. 98,00 E ~ 128,00 _	1
USINA HIDRELÉTRICA DE XINGÓ: PROJETO EXECUTIVO BLOCO DE FECHAMENTO FORMA ACABAMENTOS - CONCRETO 2º FASE EL. 41.00 _	1
VÁRZEAS DE PINDOBA - BETUME II - BREJO GRANDE	1
DESENVOLVIMENTO RURAL INTEGRADO DA COTINGUIBA - PROJETO EXECUTIVO IRRIGAÇÃO POR GRAVIDADE _	1
XINGÓ: TOPOGRAFIA + FUNDO ROCHOSO DO LEITO DO RIO NA REGIÃO DA BARRAGEM	1
USINA HIDRELÉTRICA DE XINGÓ: PROJETO EXECUTIVO- SISTEMA DE VENTILAÇÃO PISO DA TURBINA PLANTA E CORTES - EL. 20,00 _	1
DECALQUE DO PAINEL ÚNICO DO SÍTIO TALHADO A	1
DECALQUE DO PAINEL 1 DO SÍTIO CONFUSÃO	1
FICHA TAQUEOMÉTRICA DO SÍTIO JUSTINO	10
FICHA TAQUEOMÉTRICA DO SÍTIO CIPÓ	7

FICHA TAQUEOMÉTRICA DO SÍTIO VITÓRIA RÉGIA	55
USINA HIDRELÉTRICA DE XINGÓ: PROJETO EXECUTIVO-ÁREA DE MONTAGEM E CONDUTOS ELÉTRICOS - CODIFICAÇÃO _	1
FICHA TAQUEOMÉTRICA DE SÍTIOS VARIADOS DE SE e AL	93
RELAÇÃO DOS SÍTIOS FEITO COM O TRADO	1
RELAÇÃO DOS SÍTIOS COM O EMBASAMENTO ROCHOSO	1
RELAÇÃO DAS DISTÂNCIAS DOS SÍTIOS PARA OS RIOS E RIACHOS	1
CADERNETA DE NIVELAMENTO DO SÍTIO CURITUBA	35
PERFIL LONGITUDINAL	7
PERFIL ESTRATIGRÁFICO	8
Total de Itens da 9º Gaveta =	417 Documentos

Tabela 11 - Documentação analisada da Gaveta 10. Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
Planta Baixa (Croqui)	Levantamento aerofotogramétrico/ reservatórios de Xingó e Pão de Açúcar.	1:5000	1981	Rasgado, manchado de umidade, ferrugem, lápis, desbotado, borracha	1

				derretida, traça,	
Curva de Nível (Croqui)	Sítio São José II – Alagoas, Levantamento planialtimétrico, área dos sítios 4708,15m². Obs. a área total é dos dois sítios, São José I e II; Sítio São José II – Alagoas, Levantamento planialtimétrico, área do sítio 242 m²; Sítio São José I – Alagoas, Levantamento planialtimétrico, área do sítio 4708,15 m². Obs. a área total é dos dois sítios, São José I e II;	1:50	1995; 1996	rasgado, marca de umidade, manchado, rachadura, desbotado, fezes de bicho, borracha derretida, marca de lápis, marca de grampo, caneta verde e preta	3
Croqui de Pintura Rupestres	Sítio Talhado 3, Alagoas- painel único, de gravuras; (autora: Suely Amâncio); N°0035	-	1994	Rasgado (furado), marca de umidade, rachadura, desbotado, borracha derretida, marca de lápis, marca de grampo, ferrugem, rasura.	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio dos Tanques – Alagoas, fogueira 1, quadra G7, fase 3, tamanho da fogueira 3,76 m x 1,67 m. obs.: N°489, G1.	1:10	-	Desbotado, rasgado, marca de umidade, rachadura, borracha derretida, marca de grampo, ferrugem	1
Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Jerimum, Sergipe - decapagem 6, 1- só lítico; 2- sedimento, mancha, fogueira, concha, carvão, ossos, fauna, concentração de bloco; 3- cerâmica.	1:50	1999	Desbotado, rasgado, marca de lápis. Borracha derretida, marca de umidade, fezes de bicho, fita adesiva, rasura, rachadura	3

Plotação de Vestígios (Croqui)	Sítio Porto Belo II, Sergipe – decapagem 2, 1- cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos, carvão, fogueira, concha	1:50	-	Borracha derretida, ferrugem, grampo, rasura, desbotado,	1
--------------------------------	--	------	---	--	---

	e sedimento, não - colorido, área total do sítio 186 m ² .			rachadura, marca de umidade, inscrição em preto, marca de lápis	
--	---	--	--	---	--

<p>Plotação de Vestígios (Croqui)</p>	<p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 1, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos e sedimento, área total do sítio 135,00 m².</p> <p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 2, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos e sedimento, área total do sítio 135,00 m².</p> <p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 3, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos e sedimento, área total do sítio 135,00 m².</p> <p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 4, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos, carvão e sedimento, área total do sítio 135,00 m².</p> <p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 5, 1-cerâmica e lítico, área total do sítio 135,00 m².</p> <p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 6, 1-cerâmica e sedimento, área total do sítio 135,00 m²,</p> <p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 7, 1-cerâmica e lítico, área total do sítio 135,00 m²</p> <p>Sítio São José I, Alagoas – decapagem 8, 1-cerâmica, lítico e sedimento, área total do sítio 135,00 m²</p>	<p>1:50</p>	<p>1996</p>	<p>Rasgado, borracha derretida, ferrugem, grampo, rasura, desbotado, rachadura, marca de umidade, inscrição em vermelho, marca de lápis, bolor, fita adesiva, aranha</p>	<p>8</p>
<p>Plotação de Vestígios (Croqui)</p>	<p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 1, 1-cerâmica, lítico, mancha,</p>	<p>1:50</p>	<p>-</p>	<p>Borracha derretida, ferrugem, grampo,</p>	<p>33</p>

	<p>restos ósseos, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 2, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 3, 1-cerâmica, lítico, mancha e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 4, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 5, 1-cerâmica, lítico, mancha, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 6, 1-cerâmica, lítico, mancha e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 7, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 8, 1-cerâmica, lítico, mancha e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 9, 1-cerâmica, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 14, 1-cerâmica, lítico, mancha</p>			<p>desbotado, rachadura, marca de umidade, inscrição em verde e preto, rasura</p>	
--	---	--	--	---	--

	<p>e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 15, 1-cerâmica, lítico, mancha, esqueleto e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 16, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos, esqueleto e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 17, 1-cerâmica, lítico, mancha, esqueleto, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 18, 1-cerâmica, lítico, mancha, restos ósseos, carvão, esqueleto e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 19, 1-lítico, mancha, esqueleto, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 20, 1-lítico, mancha, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 21, 1-lítico, carvão e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 22, 1- lítico e sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 23, 1-</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 24, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 25, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m.</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 26, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 27, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 28, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 29, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 30, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m.</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 31, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 32, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 33, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 34, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m².</p> <p>Sítio São José II, Alagoas – decapagem 35, 1-</p>				
--	---	--	--	--	--

	sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m ² . Sítio São José II, Alagoas – decapagem 36, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m ² . Sítio São José II, Alagoas – decapagem 37, 1-sedimento, colorido, área total do sítio 117,00 m ² .				
				Total de Itens da 10° Gaveta =	51

Tabela 12 - Documentação analisadas, soltas nos dois armários (Figura 3) e no outro gaveteiro (Figura 4).
Fonte: Joyce Marques, Manuela Moreira e Maria Luzia Martins.

Identificação	Descrição	Escala	Data	Estado de Conservação	Quantidade
Plotação de Vestígios em menor escala, Sítio Justino - SE	Sítio Justino - SE. Decapagem 2, fogueira 1, quadra PQ - 16/17 (0,50 x 0,45). Sítio Justino - SE. Decapagem 2, fogueira 2, quadra P/21 (0,72 x 0,965). Sítio Justino - SE. Decapagem 2, fogueira 3, quadra P 30 (0,86 x 0,82.5). Sítio Justino - SE. Decapagem 3/4, fogueira 4, quadra P - 32/31 (1,08 x 1,42). Sítio Justino - SE. Decapagem 4, fogueira 5, quadra P - 33/34 (0,43 x 0,62). Sítio Justino - SE. Decapagem 5, fogueira 5, quadra P 34/35 (0,82 x 1,27). Sítio Justino - SE. Decapagem 6, fogueira	1:5	-	Bom estado de conservação, está dentro de um envelope.	32

	<p>5, quadra P - 34/35 (0,80 x 1,03).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 6, fogueira 6, quadra P - 46/47 (0,71 x 0,89.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 3, fogueira 7, quadra AE - 31/35 (0,50.5 x 0,43).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 9/10/11, fogueira 8, quadra AE - 16/20 e Aa - 16/20 (0,76.5 x 1.11)</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 12, fogueira 9, quadra AE - 16/20 (0,47.5 x 0,43.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 5, fogueira 10, quadra FL - 11/15 (0,78.5 x 0,71).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 8, fogueira 11, quadra Aa - 16/20 (0,77 x 0,73.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 7, fogueira 12, quadra P - 46 (0,59 x 0,55).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 8, fogueira 13, quadra FL - 26/30 (0,61 x ?).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 3, fogueira 14, quadra FL - 46/50 (0,57 x 0,65.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 12, fogueira 15, quadra AE - 36/40 (0,75.5 x 0,65.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 3, fogueira 16, quadra UV - 26/27 (0,80 x 0,93).</p>				
--	---	--	--	--	--

	<p>Sítio Justino - SE. Decapagem 18, fogueira 17, quadra FL - 41/45 (0,40 x 1,05).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 19, fogueira 18, quadra 41/45 (0,59 x 0,75.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 10, fogueira 19, quadra FL - 51/55 (0,80 x 0,90).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 15, fogueira 20, quadra FL - 41/45 (0,43.5 x 0,50).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 37, fogueira 21, quadra AE - 21/25 (0,60 x 060).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 37, fogueira 22, quadra AE - 21/25 (55.5 x 59.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 35, fogueira 23, quadra FL - 11/15 (1,20 x 1,92).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 38, fogueira 24, quadra FL - 11/15 (0,65 x 0,98.5).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 41, fogueira 25, quadra AE - 26/30 (0,50 x 0,50).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 2, fogueira 26, quadra X 2/ X3 (0,86 x 0,70).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 2, fogueira 27, quadra ZAA - 25/26 (0,82 x 1,32).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 2, fogueira 28, quadra P - 32 (0,72 x 0,40).</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>Sítio Justino - SE (ETAPA II). Decapagem 3, fogueira 29, quadra MR - 1/5 MP - 6 (0,82 x 0,89).</p> <p>Sítio Justino - SE. Decapagem 12, fogueira 30, quadra FL - 6/10 (0,82 x 0,68).</p>				
<p>Plotação de Vestígios em menor escala, Sítio Tanque - AL</p>	<p>Sítio dos Tanques - AL. Fase 2, fogueira 1, quadra G - 7 (1,67 x 3,76).</p> <p>Sítio dos Tanques - AL. Decapagem 1, fogueira 2, quadra J - 4 / M - 4 / J - 5 / M - 5 (0,67 x 1,22).</p> <p>Sítio dos Tanques - AL. Fase 3, fogueira 3, quadra G - 14 / G - 15 (0,79 x 0,58).</p> <p>Sítio dos Tanques - AL. Decapagem 9, fogueira 4, quadra DC - 5 (0,74 x 0,73).</p> <p>Sítio dos Tanques - AL. Decapagem 9/10, fogueira 5, quadra F4/F5 - G3 / G5 (1,37 x 1,72).</p>	1:5	-	Bom estado de conservação, está dentro de um envelope.	5
<p>Plotação de Vestígios em menor escala, Sítio Fazenda Velha 1 e 2</p>	<p>Sítio Fazenda Velha 2 - AL. Decapagem 4, fogueira 1, quadra H1 (1,00 x 0,98).</p> <p>Sítio Fazenda Velha 1 - AL. Decapagem 3, fogueira 2, quadra L1 (0,60 x 0,50). Escala: 1:5</p>	1:5	-	Bom estado de conservação, está dentro de um envelope.	2

Plotação de Vestígios em menor escala, Sítio Xingó - AL	Sítio Xingó - AL. Decapagem 5, fogueira 2, quadra B8 / B12 (4,70 x 6,80).	1:5	-	Bom estado de conservação, está dentro de um envelope.	2
---	---	-----	---	--	---

	Sítio Xingó - AL. Decapagem 3, fogueira 3, quadra E - 8/12 (0,52 x 0,61).				
Plotação de Vestígios em menor escala, Sítio	<p>Sítio Vitória Régia I - SE. Decapagem 3/4, fogueira 1, quadra F9 / F10 (1,00 x 1,44).</p> <p>Sítio Vitória Régia I - SE. Decapagem 3, fogueira 2, quadra H9 (0,85 x 0,83).</p> <p>Sítio Vitória Régia II - SE. Decapagem 3, fogueira 1, quadra A5 / B5 e A6 / B6 (1,12 x 1,08).</p> <p>Sítio Vitória Régia II - SE. Decapagem 3, fogueira 2, quadra C5 / D5 (0,92 x 1,32).</p>	1:5	-	Bom estado de conservação, está dentro de um envelope.	4
Plotação de Vestígios em menor escala, Sítio Porto Belo 1 e 2	<p>Sítio Porto Belo I - SE. Decapagem 1, fogueira 1, quadra TU - 1/2 (0,70 x 0,65).</p> <p>Sítio Porto Belo I - SE. Decapagem 2, fogueira 2, quadra G1 (0,75 x 0,71).</p> <p>Sítio Porto Belo II - SE. Decapagem 1, fogueira 1, quadra JL - 26 (0,76 x 0,73).</p> <p>Sítio Porto Belo II - SE. Decapagem 2, fogueira 2, quadra LM (1,10 x 0,83).</p>	1:5	-	Bom estado de conservação, está dentro de um envelope	4

Plotação de Vestígios em menor escala, Sítio Saco da Onça II	Sítio Saco da Onça II - SE. Decapagem 1, fogueira 1, quadra B 5 (1,10 x 1,52).	1:5		Bom estado de conservação, está dentro de um envelope	1
Cadernos de Arqueologia Disponíveis no MAX	Texto 1 - Notas Etnohistóricas do baixo São Francisco	-	1997 e 1998	Em bom estado de conservação, faltam dois cadernos 2 e 3.	26

	<p>Documento 1 - O salvamento arqueológico de Xingó</p> <p>Documento 4 - Estudos sedimentológicos a montante da uhe de Xingó</p> <p>Documento 5 - Sítios arqueológicos entre a uhe de Xingó e Pão de Açúcar</p> <p>Documento 6 - O homem dos terraços de Xingó</p> <p>Documento 7 - Enterramentos em dois sítios arqueológicos em Xingó</p> <p>Documento 8 - Nota sobre a ocupação histórica do baixo São Francisco</p> <p>Documento 9 - Arte rupestre em Xingó</p> <p>Documento 10 - Indústrias líticas da área arqueológica de Xingó</p> <p>Documento 11 - Restos alimentares faunísticos na área de Xingó</p> <p>Documento 12 - Os grupos ceramistas do baixo São Francisco: primeiros resultados</p> <p>Documento 13 - O povoamento pré históricos do vale do São Francisco</p>				
<p>Cadernetas /Fichas Taqueométricas (Figura 15)</p>	<p>Sítio Curitiba N°2 : 56 fichas taqueométrica</p> <p>Sítio Porto Belo 1: 42 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio Barracão: 18 fichas taqueométrica</p>	-	-	<p>Bom estado de conservação, está dentro de um envelope</p>	962

	<p>Sítio Saco da Onça I e II: 65 fichas taqueométrica da I, 30 fichas taqueométricas da II</p> <p>Sítio Vitória Régia II: 52 fichas taqueométrica</p> <p>Sítio Vitória Régia III: 15 fichas taqueométrica</p> <p>Sítio Fazenda Velha I e II: 33 fichas taqueométricas.</p> <p>Sítio São Francisco II: 27 fichas taqueométrica</p> <p>Sítio São Francisco I: 11 fichas taqueométrica</p> <p>Sítio Esperança - SE: 7 fichas taqueométrica e</p> <p>Sítio Poço Verde - SE: 9 fichas taqueométrica</p> <p>Sítio Porto Belo II: 198 fichas taqueométrica</p> <p>Sítio Curitiba: 198 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio Mundo Novo: 32 fichas taqueométricas</p> <p>Sítios do Talhado: 33 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio Fronteira: 6 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio Curitiba: 11 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio do Tôpo: 10 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio Jurema: 10 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio Mulungú: 19 fichas taqueométricas</p> <p>Sítio Brejão: 80 fichas taqueométricas</p>				
--	---	--	--	--	--

<p>Cadernetas / Perfis Estratigráficos (Figura 16)</p>	<p>Sítio Curitiba Nº2 : 2</p> <p>Sítio Porto Belo 1: 1</p> <p>Sítio Saco da Onça I e II: 3</p> <p>Sítio Vitória Régia II: 2</p> <p>Sítio Fazenda Velha I e II: 1, 1 plotação de vestígios e croquis das camadas 01,02,03 e 08</p> <p>Sítio São Francisco II: 2</p> <p>Sítio São Francisco I: 1</p> <p>Sítio Esperança - SE: 1</p> <p>Sítio Poço Verde - SE:</p> <p>1 Sítio Porto Belo II: 2</p> <p>Sítio Curitiba: 1</p> <p>Sítio Mundo Novo: 6</p> <p>Sítio Fronteira: 1</p> <p>Sítio Jurema: 1</p> <p>Sítio Mulungú: 2</p> <p>Encaminhamentos para os sítios no platô do talhado: 9</p>	<p>1:50; 1:100</p>		<p>Bom estado de conservação, está dentro de um envelope</p>	<p>42</p>
--	---	------------------------	--	--	-----------

Envelopes	<p>Sítio cabeça do nêgo - SE: croqui da trincheira</p> <p>Sítio saco da onça I - SE: um croqui da trincheira e uma plotação de vestígios</p> <p>Sítio Cancamunhé - AL: croqui das três trincheiras</p> <p>Sítio Lamarão - AL: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 01, croqui do material</p>			<p>Bom estado de conservação, está dentro de um envelope. Estão tudo que foi encontrado dentro dos envelopes, não separados-os</p>	128
-----------	--	--	--	--	-----

	<p>da camada 03 e croqui do material da camada 06</p> <p>Sítio Poço Verde - SE: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04 e croqui do material da camada 06.</p> <p>Sítio Jurema - SE: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04, croqui do material da camada 05 e croqui do material da camada 06</p> <p>Sítio Curitiba II - SE: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Vitória Régia II - SE: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Vitória Régia III - SE: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Caraíbas - BA: croqui do levantamento planialtimétrico e dois croquis iguais da trincheiras</p> <p>Sítio José I - AL: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Tôpo - SE: croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04, croqui do material da camada 05, croqui do material da camada 06, croqui do material da camada 07, croqui do material da camada 08, croqui do material da camada 09, croqui do material da</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>camada 10, croqui do material da camada 11, croqui do material da camada 12, croqui do material da camada 13, croqui do material da camada 14 e croqui do material da camada 15</p> <p>Sítio Porto Belo I - SE: croqui da trincheira</p> <p>Sítio Porto Belo II - SE: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Porto Belo III - SE: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Saco das Onças II - SE: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Curva da Solidão - BA: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04 e croqui do material da camada 05</p> <p>Sítio Mandacarú das Pedras - BA: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 06 e croqui do material da camada 07.</p> <p>Sítio Mandú - BA: croqui do levantamento planialtimétrico e croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Ouro Fino - SE: croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04, croqui do material da</p>				
--	---	--	--	--	--

	<p>camada 05 e croqui do material da camada 06</p> <p>Sítio Xingozinho - BA: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04 e croqui do material da camada 05</p> <p>Sítio Recanto do Oludum - BA: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04, croqui do material da camada 05, croqui do material da camada 06, croqui do material da camada 07, croqui do material da camada 08, croqui do material da camada 09 e croqui do material da camada 10</p> <p>Sítio Juazeiro - SE: croqui do levantamento planialtimétrico e 4 croquis iguais da trincheira</p> <p>Sítio Fronteira - BA: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03 e croqui do material da camada 04</p> <p>Sítio Esperança - SE: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04, croqui do material da camada 05 e</p>				
--	--	--	--	--	--

	<p>croqui do material da camada 06</p> <p>Sítio Mulungu - BA: croqui das trincheiras</p> <p>Sítio Sergipe - SE: croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02 e croqui do material da camada 11</p> <p>Sítio Bela Vista - BA: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04, croqui do material da camada 05 e croqui do material da camada 06</p> <p>Sítio Mirador I - AL: croqui do levantamento planialtimétrico, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 04 e croqui do material da camada 05</p> <p>Sítio Mirador II - AL: croqui do levantamento planialtimétrico e três croquis iguais da trincheira</p> <p>Sítio Xingó - AL: croqui do levantamento planialtimétrico e croqui da trincheira</p> <p>Sítio São Francisco I - AL: croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03 e croqui do material da camada 05</p> <p>Sítio São Francisco II - AL: croqui do material da camada 01, croqui do material da camada 02, croqui do material da camada 03, croqui do material da camada 04, croqui do material da</p>				
--	--	--	--	--	--

	camada 05 e croqui do material da camada 06				
Diários de Obras	Diários de Obras	-	1999 - 2000	Bom estado de Conservação	10
Álbuns de Fotografias	Lítico; Cerâmica; Museu; Malacológicos; Fichas de Fotografias	-	-	Conservadas	15
Cds do PAX	Relatório Final do Pacote; Justino e São José	-	-	Não analisados	5
Cadernos de Campo	Possíveis diários de campo, pertencentes a Sueli Amancio	-	1988; 1991; 1992; 2004	Estão com rasgos, manchados, e desbotados, apenas 2 podem ser confirmados, pois citam o PAX diretamente, os outros três não citam diretamente o PAX mas estão juntos com os outros dois.	5
Bibliografias	Bibliografias que falam diretamente do PAX ou de algum vestígio, que estão na "Biblioteca do MAX"	-	tem os anos nas bibliografias	As bibliografias estão manchadas, desbotadas e com as letras apagadas.	24
				Total de Itens Soltos =	1.267



Figura 12 - Pregos de metais na gaveta, essas partes de segurar servem como suportes para serem guardadas “penduradas” 2. Foto: Manuela Moreira.

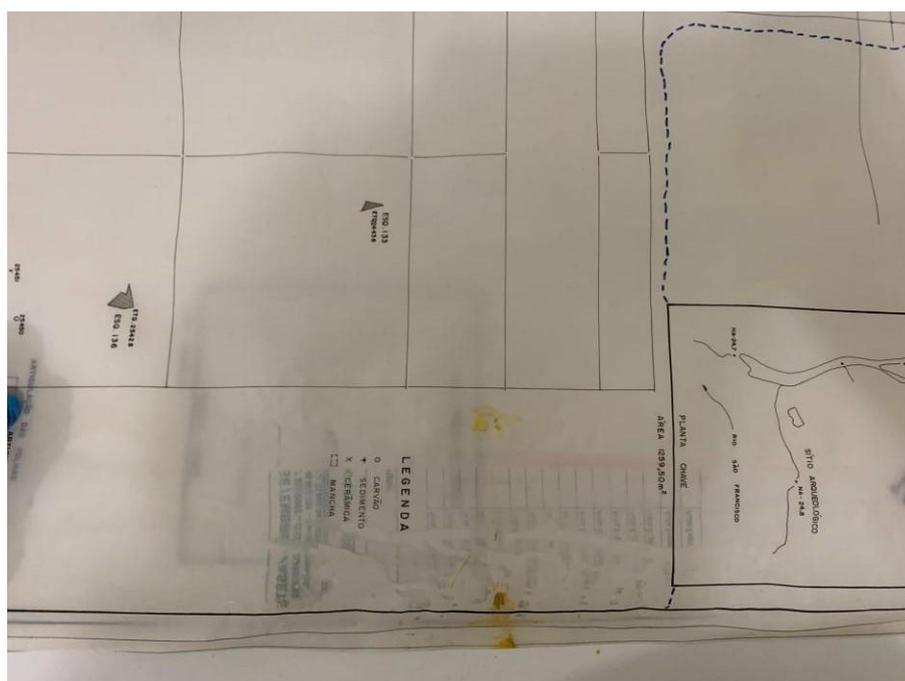


Figura 13 - Croqui da Camada 23 do Sítio Justino, o qual foi molhado e possui uma marca de onde estava apoiado. Foto: Maria Luzia Martins.

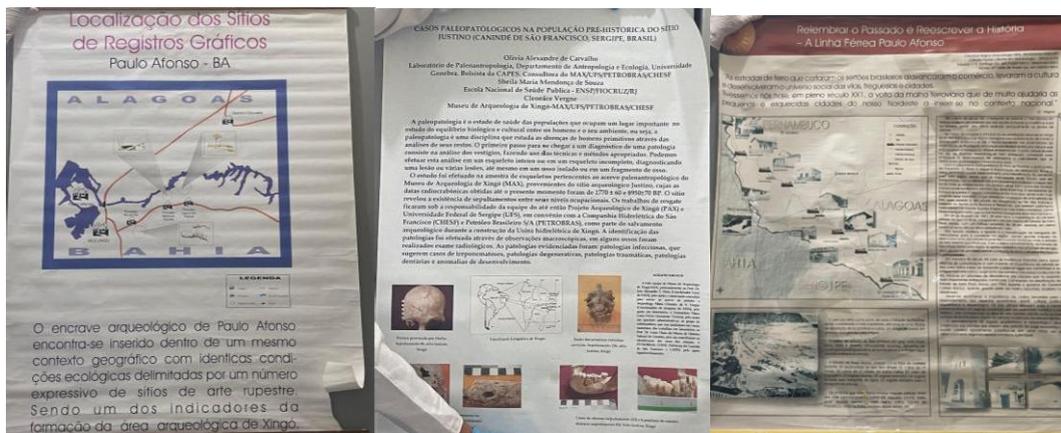


Figura 14 - Banners. Foto: Maria Luzia Martins.

CADERNETA DE NIVELAMENTO P.A4

SERVIÇO Nº: DATA: 02/10/17 SUBSERVIÇO: FUNCIONÁRIO: [assinatura]

LOCAL: Sítio exclusiva INSTRUMENTO: n/c Nº: [assinatura]

ESTACAS	VISADAS A RÉ	ALTURA DO INSTRUMENTO	VISADAS DE AVANTÉ		COTAS	OBSERVAÇÕES
			INTERMEDIÁRIA	MUDANÇA		
RS					30,290	Reserva 0-03 A-4
11	3,048	3,338				cor: F-1
2,00			0,682		31,500	
1,40			0,867		32,071	
1,20			0,781		32,559	
1,99			0,847		32,691	
4,83			0,806		32,532	
5,18			0,866		32,632	
6,68			0,879		32,689	
6,92			0,737		32,599	
7,12			0,251		32,580	
11,87			0,766		32,502	
12,71			0,738		32,604	
14,87			0,660		32,609	
16,03			0,632		32,306	
17,20			0,510		32,518	

Sítio CURITUBA

Figura 15 - Exemplo das fichas taqueométricas, fichas realizadas com a utilização de equipamentos de georreferenciamento da época, possivelmente Teodolito. Fonte: Maria Luzia Martins.



Figura 16 - Exemplo dos perfis estratigráficos. Fonte: Maria Luzia Martins

6.4. Discussão dos Resultados

Após o levantamento de toda documentação existente no Museu de Arqueologia de Xingó (MAX) sobre o Projeto de Arqueologia de Xingó, os resultados foram bastante significativos.

Percebeu-se durante as análises que existe sim, uma quantidade significativa de documentação arqueológica sobre o Projeto, mas que a procura por ela é baixa, gerada por uma percepção equivocada de que, uma vez ausentes os cadernos de campo, não há mais nada disponível. É importante frisar que os cadernos de campo são parte fundamental da pesquisa arqueológica e sua falta é problemática (se não, criminal e proposital). No entanto, há certa desinformação quando se pesquisa sobre os documentos do PAX, aumentando a invisibilidade de seus registros..

Foi notória a baixa procura desses arquivos documentais, não somente pelo estado em que se encontram, mas também por conta das poucas pesquisas publicadas a partir dessas fontes. A quantidade de documentos é alta, incluindo fotografias, fichas, mapas, croquis, plantas baixas, levantamento aerofotogramétrico, banners, relatórios de estado de conservação do material, todos relativos aos vestígios móveis encontrados, salvaguardados e expostos no MAX e em sua Reserva Técnica.

Pela falta de procura e de trabalhos voltados ao cuidado da documentação (e não só análise das coleções materiais), observa-se que eles estão se perdendo, ou seja, sua integridade está ameaçada de perda, com rasgos, grudando uns nos outros, com borrachas derretidas (dos elásticos que as envolvia), a presença de fezes de animais, dentre vários outros fatores. É

importante lembrar que se não verificado de tempos em tempos, fazer uma limpeza mais profunda e buscar soluções melhores, toda essa documentação irá se perder. Finalmente, é importante lembrar da fragilidade do próprio material em que essa documentação foi gerada, sendo papel vegetal, que era utilizado para realizar os desenhos e decalques. Frente a isso, é importante salientar o quão seria de extrema significância a digitalização dessa documentação- Foi informado que essa documentação não foi digitalizada pela ausência de equipamentos, entretanto tiveram suas informações condensadas em planilhas no EXCEL, a fim de criação de um inventário.

É importante salientar que há uma parcela da documentação do PAX na Administração do Museu em São Cristóvão, na Universidade Federal de Sergipe, entretanto não tive acesso por falta de conhecimento da sua existência, então há muito mais documentação do que se pensa e daqueles que foram analisados no MAX.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Arqueológico de Xingó abrangeu três estados e possui uma ampla procura pelos seus vestígios arqueológicos móveis (cerâmico, lítico, ossos humanos, adornos, etc...) tendo um desfalque muito grande nos estudos da documentação arqueológica produzida durante o projeto. Após analisar uma grande parte da documentação, foi perceptível que se houver uma divulgação delas, as pesquisas futuras sobre o PAX abrangem muito mais que os vestígios, e auxiliará em diversas problemáticas, que podem estar em aberto.

Com base nas análises realizadas, verificou-se que a falta de ações verdadeiramente eficazes para a conservação e gestão das documentações arqueológicas — entendidas como o conjunto de registros produzidos no decorrer de projetos arqueológicos, sejam estes vinculados a empreendimentos de pequeno ou grande porte, ou ainda a investigações de caráter acadêmico — há um risco iminente de perda irreversível desse patrimônio documental. Importante notar que tal perda não se dá necessariamente por desaparecimento, mas sobretudo em decorrência da negligência quanto ao seu adequado tratamento, da escassez de análises sistemáticas e da própria fragilidade física desses materiais, muitos dos quais apresentam elevado grau de deterioração, chegando, em casos mais críticos, a se fragmentar com uma simples consulta.

Para tanto, os objetivos desta monografia, os quais eram mostrar a importância da documentação produzida durante o Projeto Arqueológico de Xingó e se existiam documentações arqueológicas sobre este projeto que poderiam ter sido utilizadas na construção dos 13 cadernos de arqueologia, foram cumpridos. Conseguimos ir além, encontrando o Relatório Final do PAX, documentações que são citadas nas fichas do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA). O problema que se identifica é, além da conhecida falta dos cadernos de campo, a

invisibilização da riqueza documental que existe sobre o projeto. Além de, pôr fim, trazer a importância, atual, de se documentar todo o trabalho arqueológico e disponibilizá-lo, considerando-o como uma das fontes mais importantes para o registro de um sítio arqueológico.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB' SÁBER, Aziz Nacib; O Homem dos Terraços de Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 6. 1997.

ALVES, Francisco José; Nota sobre a ocupação Histórica do Baixo São Francisco. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 8. 1997.

AMÂNCIO, Suely; VERGNE, Cleonice. A necrópole pré-histórica do Justino/Xingó-Sergipe: Nota Prévia. **CLIO arq. Recife**, V. 1, n° 8, 171-182, 1992.

AUGUSTIN, Raquel França Garcia; BARBOSA, Cátia Rodrigues. Políticas de Gestão de Acervos: Possíveis fontes de informação para tomada de decisão nos museus. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 8, n. 1, p. 134-154, 2018.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Instrução Normativa nº 1, de 25 de março de 2015. Estabelece procedimentos técnicos e administrativos para a realização de pesquisas arqueológicas no território nacional. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 26 mar. 2015.

BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 27 jul. 1961.

CALDARELLI, Solange Bezerra. Arqueologia Preventiva: uma disciplina na confluência da arqueologia pública e da avaliação ambiental. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 13, n. 1, p. 5-30, 2015.

CARVALHO, Fernando Lins de. A pré-história Sergipana. **Aracaju: Universidade Federal de Sergipe**, 2003, 159p.

CARVALHO, Fernando Lins de. Revisitando sítios de registros gráficos: (uma leitura antropológica). **MAX, Museu de Arqueologia de Xingó**, 2000.

CARVALHO, Olivia Alexandre de; OLIVEIRA, Cláudia. “Sítio Jerimum, Xingó, Brasil: Primeira abordagem paleontológica”. **Canindé, Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, n° 2, dezembro de 2002, p.103-118.

CHMYZ, Igor. As realidades sociais e políticas da arqueologia de salvamento no Brasil. **Arqueologia**, v. 5, n. 1, p. 1-1, 1986.

CISNEIROS, Daniela; JERÔNIMO, Onésimo; Indústrias Líticas da Área Arqueológica de Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 10. 1997

COSTA, Alba Rosane Salvador Moura. Documentação e análise da arte rupestre do sítio Dom Hélder, na fazenda Mundo Novo-Canindé do São Francisco-SE. Orientação da doutora Suely Gleyde Amancio Martinelli. **Monografia (bacharelado em arqueologia)**. Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras- UFS, 2013.

DE VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett; ALCÂNTARA, Tainã Moura. Com quantas caixas se faz uma reserva técnica? Um relato de experiência sobre a gestão dos acervos arqueológicos no MAE/UFBA. **Revista Arqueologia Pública**, v. 11, n. 2 [19], p. 153-165, 2017.

DINIZ, José Alexandre Felizola. O Projeto Arqueológico de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco. Universidade Federal de Sergipe. **CHEFS. PAX, Edição Comemorativa**, 1998

DINIZ, José Alexandre Felizola. O Projeto Arqueológico de Xingó e a Pré-História do Baixo São Francisco. Universidade Federal de Sergipe. **CHEFS. PAX. 2º Edição Revista Atualizada**. Museu de Arqueologia de Xingó (MAX). 2000.

DOMINGUES, José Maria Landim; BRICHTA, Arno. Estudos Sedimentológicos a Montante da UHE de Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 4. 1997

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria; FORTUNA, Carlos Alexandre; POZZI, Henrique Alexandre. A Arqueologia na Ótica Patrimonial: uma proposta para ser discutida pelos arqueólogos brasileiros. **Canindé (MAX/UFS. Impresso)**, Aracajú, v. 1, p. 129-156, 2001.

FAGUNDES, Marcelo. Organização Tecnológica das Indústrias Líticas da Área 03 em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. **Revista Clio–Série Arqueológica**, v. 25, 2010.

FAGUNDES, Marcelo; ALVES, Márcia Angelina. Sistema de assentamento e tecnologia lítica: organização tecnológica e variabilidade no registro arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. 2007.

FOGAÇA, EMÍLIO. Análise Preliminar de Algumas Indústrias Líticas Lascadas Recuperadas em Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 3. 1997

FRÉDÉRIC, Louis; BORGES, Nelson Correia. Manual prático de arqueologia. 1980.

FUNARI, Pedro Paulo A. Archaeology, history, and historical archaeology in South America. **International Journal of Historical Archaeology**, v. 1, p. 189-206, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação. **Revista de História da Arte e da Cultura**, n. 1, p. 23-41, 1994.

FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia e patrimônio. **Erechim: Habilis**, 2007.

GHETTI, Neuvânia Curty. Preservação, salvaguarda e conservação arqueológica: a reserva técnica de material orgânico do departamento de arqueologia da UFPE. **Revista Clio Série Arqueológica**, v. 30, n. 2, p. 100-153, 2015.

GHIGGI, Vani Piaia. Fazenda Mundo Novo: abrigo Dom Helder-espço de ocupação humana pré-colonial. Orientação Doutora Suely Gleide Amâncio Martinelli. Monografia (bacharelado em arqueologia). Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – UFS, 2013.

LUNA, Suely; Nascimento, Ana. Os Grupos Ceramistas do Baixo São Francisco: Primeiros Resultados. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 12. 1997.

MACHADO, Juliana Salles; NEVES, Eduardo Góes. Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara. 2005.

MARQUES, Juracy; VERGNE, Cleonice; Pedras Pintadas: Dilemas Socioambientais do complexo arqueológico de Paulo Afonso/ Relatório de atividades – julho 2008 a janeiro 2009. **Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso (CAAPA)**. 2009. 243pp.

MARTIN, Gabriela. O povoamento Pré-Histórico do Vale do São Francisco. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 13. 1998.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil. **Editora Universitária UFPE**, 1997.

MARTINELLY, Suely Gleide Amâncio. Arqueologia em Sergipe: Aspectos históricos da sua formação e consolidação. **CLIO Digital**. MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE SERGIPE (200 ANOS DA INDEPENDÊNCIA) FORMAÇÃO. 2024, p. 103-121.

MIRABILE, Antonio. A reserva técnica também é museu. **Boletim eletrônico da ABRACOR**, v. 1, p. 4-9, 2010.

MOSHENSKA, Gabriel. Key concepts in public archaeology. ucl press, 2017.

MOSHENSKA, Gabriel; BURTENSHAW, Paul. Commodity forms and levels of value in archaeology: A response to Gestrich. **Present Pasts**, v. 3, n. 2, p. 83-84, 2011.

NOELLI, Francisco Silva. Resenha do livro " Arqueologia". **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 1, n. 2, 2007.

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de. Notas Etnohistóricas do Baixo São Francisco. **Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS**. Projeto Arqueológico de Xingó. Texto 1. 1997.

OLIVEIRA, Rosângela; PROUS, André; TOBIAS JÚNIOR, Rogério. Bibliografia da Arqueologia Brasileira. Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico – UFMG. **Belo Horizonte**, v.22, n.1, 431p., 2013.

PADILHA, Renata Cardozo. Documentação museológica e gestão de acervo. **Florianópolis: FCC**, v. 2, 2014.

PALMEIRA, José Arnaldo Vasconcelos; Restos Alimentares Faunísticos na Área de Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 11. 1997.

POUGET, Frederic Mario Caires; DE CARVALHO, Aline Vieira. Arqueologia pública e acervo arqueológico. **Revista Arqueologia Pública**, v. 11, n. 2 [19], p. 254-263, 2017.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul. Archaeology: Theories. Methods and Practice. v. 5, 1991.

RIBEIRO, Diego Lemos. A musealização da arqueologia: Um estudo dos museus de arqueologia de Xingó e do Sambaqui de Joinville. **Revista de Arqueologia, [S. l.]**, v. 26, n. 2, p. 96–114, 2014. DOI: 10.24885/sab.v26i2.383. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/383>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SANTOS, José Osman dos. Estudos arqueométricos de sítios arqueológicos do Baixo São Francisco. 2007. **Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.**

SEASE, Catherine. A conservation manual for the field archaeologist. 1994.

SILVA, Bruno Sanches Ranzani da. Das ostras, só as pérolas: Arqueologia pública e Arqueologia subaquática no Brasil. **Mestrado (Mestrado em Antropologia).** Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, Bruno Sanches Ranzani da. Descobrindo a Chácara e a Charqueada, pela arqueologia pública. **Tese (Doutorado em Arqueologia).** Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, Jacionira Coelho; VERGNE, Cleonice; POZZI, Henrique Alexandre. Reflexões Sobre as Técnicas de Confecções dos Artefatos Líticos do Sítio Justino, Canindé de São Francisco-SE. **Revista Canindé, Xingó**, nº 1, dezembro de 2001. P. 117- 128

SILVA, Suely Gleide Amâncio da; Arte Rupestre em Xingó. **Cadernos de Arqueologia.** Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 9. 1997

SOUZA, Vanessa Santos. Particularidades e semelhanças do registro Rupestre da fazenda mundo novo em Canindé de São Francisco-SE. Orientação Dra. Suely Gleyde Amâncio Martinelli. **Mestrado (pós-graduação em arqueologia).** Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras – UFS, 2013.

VERGNE, C. et al. Salvamento Arqueológico de Xingó: Relatório Final. **Museu de arqueologia de Xingó**, Universidade Federal de Sergipe, 2002.

VERGNE, Cleonice. “Estruturas Funerárias no Sítio Justino”. **Canindé, Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, nº2, dezembro de 2002. p.251-273

VERGNE, Cleonice. O projeto arqueológico de Xingó, em Sergipe e Alagoas. **Clio Série Arqueológica.** Recife: UFPE, n. 11, p. 213-216, 1996.

VERGNE, Cleonice; FAGUNDES, Marcelo.; CARVALHO, Admilson Freire de.; ARAÚJO, Monika Maria Freire de. “Estudos tecnológicos e tipológicos da cerâmica arqueológica do sítio Curitiba”. **Canindé, Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, nº8, dezembro de 2006, p.151-165.

VERGNE, Cleonice; MARQUES, Juracy. Pedras Pintadas: dilemas socioambientais do complexo arqueológico de Paulo Afonso. Paulo Afonso. **Editora Fonte Viva**, 2009.

VERGNE, Maria Cleonice de Souza. Sítios de registros gráficos de Lagoa das Pedras, Malhada Grande e Mundo Novo. São Cristóvão: MAX/UFS, 2000.

VERGNE, Maria Cleonice de Souza; Enterramentos em dois sítios arqueológicos em Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 7. 1997

VERGNE, Maria Cleonice de Souza; Nascimento, Ana Cristina do; Sítios arqueológicos a Montante da UHE de Xingó. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 2. 1997.

VERGNE, Maria Cleonice de Souza; NASCIMENTO, Ana Cristina. do; MARTINS, Ailton Feitosa; O SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 1. 1997

VERGNE, Maria Cleonice de Souza; VITÓRIO, Sônia Maria; SILVA, Suely Gleide Amâncio. Levantamento preliminares dos sítios arqueológicos do Estado de Sergipe. **CLIO Arq. Recife**. nº4 (1987). Anais I Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro.

VERGNE, Maria Cleonice Souza; Sítios Arqueológicos entre a UHE de Xingó e Pão de Açúcar. **Cadernos de Arqueologia**. Universidade Federal de Sergipe. CHEFS/ PETROBRÁS. Projeto Arqueológico de Xingó. Documento 5. 1997

VIÑAS, Muñoz. Salvador. Teoría contemporánea de la restauración. v. 1, 2005.

ZAHLOUTH, Ingrid Maria Luz Vergolino; PAIVA, Rodrigo Oliveira de. VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO: segredos do passado transcritos em suportes primitivos. **Biblionline**, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 37-48, 2012.

ZANETTINI, Paulo; DE MORAES WICHERS, Camila A. Arqueologia preventiva e o ensino de arqueologia no Brasil. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 12, n. 2, p. 239-256, 2014.

ANEXO

Anexo 1 - Ficha Técnica de levantamento documental. Fonte: Maria Luzia Martins com auxílio da Inteligência Artificial

Ficha de Levantamento Técnico – Documentação Arqueológica do Projeto de Arqueologia de Xingó, *in loco*

1. Identificação do Documento

- Código de identificação (se houver):
 - Tipo documental: Caderno de campo Croqui estratigráfico Registro fotográfico Mapa Outro: _____
 - Título ou descrição:
 - Autor(es) / responsável(is) pela produção:
 - Data de produção (se identificada):
 - Projeto associado: PAX Outro: _____
 - Local de origem (sítio arqueológico, área de escavação, etc.):
 - Quantidade de itens:
 - Suporte: Papel Fotográfico Digital Outro: _____
-

2. Condições físicas e estado de conservação

- Estado geral: Bom Regular Ruim Avariado
 - Danos visíveis:
 Rasgos Fungos Umidade Faltam páginas/partes
 Desbotamento Rachaduras Ferrugem (grampos, clips)
 Outros: _____
 - Intervenções anteriores identificadas: Sim Não
Se sim, quais: _____
-

3. Acondicionamento e armazenamento

- Tipo de embalagem: Pasta Envelope Caixa Solto
- Material da embalagem: Papel alcalino Plástico Outro: _____
- Local de guarda: Reserva técnica Arquivo Outro: _____
- Condições ambientais:
 - Temperatura controlada: Sim Não
 - Umidade controlada: Sim Não
 - Iluminação adequada: Sim Não
 - Presença de agentes de deterioração: Sim Não
Quais: _____

4. Organização e registro

- Documento catalogado no sistema institucional? Sim Não
Se sim, qual sistema: _____
- Indexação/palavras-chave atribuídas: _____
- Número de tombo (se houver): _____
- Nível de descrição: Individual Dossiê Série documental
- Digitalizado: Sim Não | Formato: JPEG PDF Outro:

- Acesso ao público/pesquisadores: Livre Parcial Restrito
Observações sobre acesso: _____

5. Observações gerais

6. Dados do levantamento

- Nome do responsável pelo levantamento: _____
- Instituição: _____
- Data do levantamento: // _____
- Assinatura: _____